

**ELENICE APARECIDA DE RESENDE**

**“CAUSOS & COUSAS” DO *JORNAL DAS LAJES*:  
(RE)CONSTRUINDO A HISTÓRIA DE RESENDE COSTA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

**Novembro de 2009**

## ELENICE APARECIDA DE RESENDE

### “CAUSOS & COUSAS” DO *JORNAL DAS LAJES*: (RE)CONSTRUINDO A HISTÓRIA DE RESENDE COSTA

*Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.*

*Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura*

*Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural*

*Orientador(a): Professora Doutora Magda Velloso Fernandes de Tolentino*

**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS:  
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

**Novembro de 2009**

## **ELENICE APARECIDA DE RESENDE**

### **“CAUSOS & COUSAS” DO *JORNAL DAS LAJES*: (RE)CONSTRUINDO A HISTÓRIA DE RESENDE COSTA**

Banca Examinadora:

---

**Profa. Dra. Carlinda Fragale Patê Nuñez  
UERJ**

---

**Prof. Dr. Guilherme Jorge de Rezende  
UFSJ**

---

**Profa. Dra. Magda Velloso Fernandes de Tolentino  
Orientadora**

---

**Prof. Dra. Eliana da Conceição Tolentino  
Suplente**

---

**Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino  
Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras**

**São João del-Rei, 20 de novembro de 2009.**

Dedico o término de mais essa etapa de minha vida à minha mãe, cuja força deu-me ânimo para continuar e acreditar que eu daria conta, não me deixando esquecer do quanto a minha realização nos estudos significava para ela.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço por tudo e sempre a Deus.

À minha orientadora, Magda, pelo carinho e segurança com que me guiou ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ, que muito contribuíram para a elaboração dessa dissertação.

O saudosismo, como o pigarro, é um cacoete de velho. Nem chega a ser um sentimento, ou uma emoção. É mais um ressentimento, que, em nome de exaltar o passado, hostiliza o presente.

Otto Lara Resende

## RESUMO

No contexto pós-moderno, o questionamento do caráter da verdade e objetividade em diversos campos do saber permitem ampliar o campo teórico fazendo surgir novas possibilidades de análise. Essa abertura é propiciada pela emergência dos estudos culturais.

Tendo em vista essa possibilidade que tem se tornado uma das expressões culturais da pós-modernidade, a presente dissertação de Mestrado, inserida na linha de pesquisa em Literatura e Memória Cultural, tem como objetivo principal teorizar sobre os limites fluidos entre a memória e a história, como estratégia que questiona a concepção de verdade que o senso comum atribui à história, bem como à memória como uma forma de testemunho e reconstrução do passado, visando a uma reflexão acerca da construção da memória cultural como reveladora de identidades e tradições locais.

Como recorte textual ilustrando as teorias abordadas, usamos para análise a coluna “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes* da cidade de Resende Costa, através de algumas crônicas de Rosalvo Pinto, assim como alguns textos de outros autores que também falam sobre a cidade, tais como Antônio de Lara Resende, Otto Lara Resende, Micênio Carlos Lopes dos Santos e Gustavo Melo Silva.

**Palavras-chave:** pós-modernidade, memória, história, “Causos & Cousas”, *Jornal das Lajes*.

## ABSTRACT

In the postmodern context, the questioning of truth and objectivity in many areas of knowledge allow for new possibilities of analysis, as the broadening experience of Cultural Studies shows.

Taking into account the possibility that has become one of the cultural expressions of post modernity, this Masters dissertation, belonging to the area of Literature and Cultural Memory, aims at theorizing on the fluid boundaries among memory and history, as a strategy that disturbs the idea of truth that common sense has attributed to history and memory as a form of reconstructing the past, aiming at reflecting on the construction of cultural memory as a revelation of local identities and tradition.

In order to illustrate these theories, the column “Causos & Cousas “ published in the periodical *Jornal das Lajes* in the town of Resende Costa, becomes the object of analysis. The study will be made possible not only looking into these texts, written by Rosalvo Pinto, but also through the examination of some other texts that deal on the town, by Antônio de Lara Resende, Otto Lara Resende, Micênio Carlos Lopes dos Santos and Gustavo Melo Silva.

**Keywords:** postmodernity, memory, history, “Causos & Cousas“, *Jornal das Lajes*



## Introdução

Vivemos um momento de intensas mudanças. Com a recente virada do século XXI seguida do avanço da globalização, encontramos-nos num momento em que espaço e tempo se cruzam em busca da quebra de barreiras. A instabilidade torna-se frequente na vida das pessoas. O desenvolvimento tecnológico é extremamente rápido, permitindo uma conexão mundial instantânea.

Esse contexto contemporâneo também é conhecido por pós-moderno. Defini-lo não é uma tarefa fácil, pois se trata de um fenômeno contraditório e fluido. Ele não pode funcionar como um simples sinônimo para a contemporaneidade e nem mesmo pode descrever o estado da cultura nesse contexto, já que esta se tornou imprescindível nas relações sociais. É algo que vai muito além de uma teoria, culminando na interseção de várias teorias e de várias formas divergentes de enxergar os fatos.

Essa tomada de posição pode ser ilustrada pela emergência dos estudos culturais que, como um campo bem amplo, sugere a ideia de uma rede que articula diversos sistemas de análise. Propõe-se uma abertura e uma flexibilidade em prol da diferença através de formas de análise que são perpassadas pelos discursos pluralista e relativista.

A partir dessa posição, a construção de novos paradigmas exige a libertação de determinadas pré-concepções acerca dos discursos e olhares sobre os objetos observados. Como fenômeno contraditório, histórico e político, o pós-moderno subverte os próprios conceitos que desafia, ou seja, atua dentro de um campo que é questionado por ele mesmo a todo instante. A posição central já não é totalmente válida. O marginal e o excêntrico assumem uma nova importância. O que é periférico torna-se simbolicamente central. A pluralidade de discursos é incentivada em prol da não aceitação de uma verdade única e totalizadora. A

teoria deve ser encarada como um conjunto de conhecimentos contestados, localizados e conjunturais, que precisam ser debatidos de forma dialógica.

Nasce, então, uma nova forma de pensamento. É uma forma de pensar que lida com a heterogeneidade. Não se fala mais numa linha de raciocínio que busque uma teoria para atender a uma demanda total, única. É necessário observar e considerar a periferia, o diferente, as minorias, pois isso expressa luta e conflito, centro de interesse da crítica contemporânea. Prestar atenção ao conflito que isso sugere é compreender construções subjetivas - como são criadas as hierarquias, as valorações, o sistema complexo de vida nesse contexto e o funcionamento social disso.

Para Walter Mignolo (2003), tais sistemas marginais de pensamento, denominados por ele como *pensamento liminar*, caracterizam-se como espaços que surgem do cruzamento entre culturas, sobretudo da cosmologia ameríndia com o pensamento crítico europeu. Sendo resultante do diálogo entre a epistemologia, a hermenêutica e os saberes subalternizados característicos do indivíduo pós-colonial, o *pensamento liminar* compreenderia a articulação tensa entre todos estes, o que lhe confere a possibilidade de construir outros tipos de conhecimento e refletir acerca da desconstrução de fronteiras rígidas reivindicadoras de legitimidade. Nesse sentido, o *pensamento liminar* reconhece as formas de conhecimento subalternizadas não somente como objeto de estudo, mas como saberes legítimos.

Assim, nesse contexto são buscadas maneiras alternativas de analisar como as culturas manifestam sua alteridade, em meio aos fenômenos globais. Tornam-se passíveis de análise e de atenção fatos que antes eram desconsiderados pelo olhar histórico. Todo acontecimento pode ser visto como passível de mudança. O olhar questionador é o que vale para a teoria crítica em questão. O objetivo da teoria é mostrar a luta e os conflitos de uma dada realidade, a partir da evolução e do questionamento dos fatos. A realidade não é tomada como premissa ou como um produto acabado e sim como algo construído, em que o processo precisa ser considerado.

A nova forma de encarar os acontecimentos também conduz a um modo de pensar que delinea as rupturas com as narrativas mestras e com as utopias,

consideradas portadoras de verdade e legitimidade. Dentro de um campo de estudo interdisciplinar, que envolve várias tomadas de posição, marcado por rupturas com histórias descontínuas, as produções minoritárias são consideradas e as influências são reconhecidas, confirmando a decadência do até então considerado puro.

O pós-moderno, entretanto, é aquele que torna possível o trânsito por esses campos em conflito, é a forma de pensar que delinea as rupturas trazidas pelo contexto contemporâneo, especialmente em espaços onde diferentes culturas se cruzam, o que provoca uma interrelação entre estruturas distintas. Mais do que objetos de análise minoritários no campo de análise contemporâneo, temos a problemática que envolve esses objetos.

Tendo em vista que tal pensamento delinea objetos que têm se apresentado como uma expressão cultural da pós-modernidade, a presente dissertação de Mestrado, concentrada na área de Teoria Literária e Crítica da Cultura e inserida na linha de pesquisa em Literatura e Memória Cultural, tem como recorte para análise a coluna “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes*.

Ancorando-nos na possibilidade de novas análises trazida pela abertura no campo dos estudos culturais é que pretendemos desenvolver nosso trabalho. Partindo da questão do pluralismo presente na produção pós-moderna, nossa proposta é analisar o papel da memória dentro dos estudos sobre cultura em fontes primárias. A memória ocupa papel central em não apenas mediar as interações do presente e passado como também na (re) construção de aspectos sociais, culturais e, principalmente, históricos.

A palavra memória nos remete necessariamente à palavra passado, pois tudo o que é considerado memória é porque está no passado. A memória é um dos caminhos para o conhecimento do que passou. Por meio dela, recuperamos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem do hoje e confirmamos que os homens já viveram em um passado. Isso nos confere um sentido de identidade, pois permite compreender que cada um de nós e toda a humanidade têm uma história. Memória e história, portanto, são noções que mantêm entre si estreitas relações.

Na história, enquanto disciplina que integra o campo das ciências sociais, a relação entre memória e história é um dos grandes debates teóricos que tem atravessado gerações de historiadores. Essa relação é bastante antiga, desde a época em que os relatos orais, práticas que consideram a memória por meio da fala, eram considerados fonte de pesquisa histórica. Porém, considerando que esses depoimentos envolvem esquecimentos, distorções e omissões por parte de seu autor, que construirá seu relato com base no que achar mais relevante, a utilização dos relatos orais começou a ser olhada com desconfiança a partir do século XVIII, quando a história ganha o status de ciência. Esses depoimentos, construídos a partir de subjetividades, passaram a não ser mais considerados fontes seguras para o historiador, visão essa que se estendeu até pelo menos 1920. Um estudo histórico só poderia ser considerado confiável se o historiador se distanciasse de seu objeto de estudo e abrisse mão de relatos considerados parciais, enfatizando documentos, grandes acontecimentos e marcos políticos e econômicos importantes. Nessa perspectiva, a memória, compreendida como lembranças pessoais, fazia parte do debate entre historiadores apenas enquanto fonte a ser negada.

Entretanto, a partir da metade do século XX, essa memória voltou a ser considerada uma fonte confiável pela história, marcando o surgimento da História Nova. Isso ocorre porque se inicia um processo de relativização da importância do que, no período anterior, era considerado um grande marco histórico e passa-se a valorizar temas mais voltados para os homens comuns. Percebe-se nesse momento que, ao lado da preocupação dos historiadores em relatar processos históricos a partir de uma perspectiva mais ampla, há também o interesse em compreender quais são os processos íntimos ligados à subjetividade das pessoas nesse contexto.

Assim sendo, a memória entra novamente para o rol dos interesses dos historiadores. Atualizada em relatos de pessoas envolvidas nos processos históricos estudados, ela passa a ser compreendida como uma fonte, dentre outras, a partir da qual o pesquisador reconstitui acontecimentos. Isso propiciou o estreitamento da relação entre memória e história, a ponto de certos estudiosos afirmarem não ser possível definir conceitualmente onde termina uma e começa a

outra. Cria-se a história a partir da memória, ao mesmo tempo em que esta é reconstituída por aquela.

Entre as várias possibilidades de estudo do texto literário contemporâneo que lida com a memória, escolhemos o trabalho com fontes primárias, por considerá-las como uma das formas através das quais as culturas manifestam sua alteridade, em meio aos fenômenos globais e pós-modernos. Refletir sobre a questão do arquivo sob uma perspectiva cultural implica uma construção de olhar crítico sobre um objeto de estudo novo e ainda não delineado satisfatoriamente. Além disso, o estudo em fontes primárias permite perceber como, no caso, o discurso jornalístico pode participar da construção da memória cultural.

Neste sentido, será feito um estudo sobre a coluna intitulada “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes* da cidade mineira de Resende Costa, contrastando-a com o olhar de outros autores, a saber: Antônio de Lara Resende, Otto Lara Resende, Micênio Carlos Lopes dos Santos e Gustavo Melo Silva, que também falam sobre Resende Costa. A partir desse contraste, pretendemos analisar o papel da memória visando a uma reflexão acerca da construção da memória cultural como reveladora de identidades e tradições locais, além de propor uma (re) construção da história da cidade pelo viés da memória utilizada nos textos analisados.

A escolha dessa coluna é inteiramente pessoal. Desde que o jornal surgiu em abril de 2003, coincidindo com meu contato com as teorias do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de São João Del Rei, que iniciei em 2001, foi possível identificar que a proposta do jornal de realçar aspectos históricos, políticos e culturais da minha cidade merecia uma atenção especial. A cada leitura dos textos da coluna “Causos & Cousas”, o caráter memorialístico também foi notado.

Contando com o arquivamento de cada edição do *Jornal das Lajes* e com a proposta de pesquisa do programa de pós-graduação na área de Letras, decidi então elaborar um plano de estudo para o exame de seleção do PROMEL. Depois que fui aprovada no exame e cursei as disciplinas do programa, a ideia foi amadurecida e fontes teóricas pertinentes que justificassem a minha escolha foram buscadas, o que culminou na presente dissertação.

Tendo como base para discussão as crônicas de Rosalvo Pinto, escritor da coluna, contrastando-as com textos dos outros autores citados, o trabalho, em sua totalidade, visa discutir as teorias que florescem no contexto pós-moderno sobre memória, articulando-as com a história, para no fim relacioná-las à busca de identidade no contexto heterogêneo da contemporaneidade.

Para fazer a interrogação dos fatos, visando, inclusive, à própria (re) construção deles, é levado em consideração o sujeito do contexto pós-moderno. Ligando-se à noção de crise, este sujeito é um ser fragmentado, pois não há mais aquele que pode se autodefinir. Com um mundo de individualização em excesso, a sua identidade, antes vista como estável e unificada, torna-se fragmentada e instável, em contínuo processo de construção. A diferença cultural, entretanto, pode ser entendida com a produção de identidades minoritárias. Isso corresponde ao fim do estilo pessoal e à instauração de estilos e estéticas díspares e contraditórias.

Esse cenário de pluralidade em relação às identidades é explicado por Stuart Hall (2003) não do ponto de vista da construção do pensamento nacionalista, mas do processo posterior a esse pensamento, as descolonizações. De acordo com Hall, em seu estudo sobre a identidade cultural na pós-modernidade, o homem contemporâneo não deve ser visto mais como nos séculos XVIII e XIX porque o cenário histórico do século XX não permite pensar em um homem racional, soberano e científico, dividido em mente e matéria. As consequências das guerras mundiais e das descolonizações influenciaram na mudança desse paradigma. Hall explica, tendo como base essas descolonizações, que a identidade cultural de um povo colonizado não é algo definido pelos seus colonizadores, mas sofre modificações, da mesma forma em que exerce modificações.

Ainda de acordo com o teórico, o homem contemporâneo não segue a linha de pensamento que o explicava a partir do verbo “ser”, porém o explica agora a partir do verbo “vir a ser”. Essa mudança de pensamento ocorre porque dentro da constituição da identidade cultural pós-moderna há rupturas e descontinuidades que fazem com que elas sejam pensadas como algo que tem histórias e efeitos reais, como identidades que são construídas pela memória,

fatos, narrativas e fantasias, e que se torna um dos vários posicionamentos possíveis servindo à instabilidade da constituição da identidade. Para o autor, as identidades culturais devem ser pensadas nesse eixo de tensão que existe entre ser e tornar-se. É justamente esse eixo de tensão, ou seja, a instabilidade identitária, que chama a atenção no contexto contemporâneo.

O conceito de narrativa performática de Homi Bhabha (2003), desenvolvido em sua teorização acerca da narrativa da nação moderna, no qual a inserção de vozes menores no processo de construção identitária de um povo é que faz com que o discurso tradicional seja alterado, será tomado como base teórica para finalizar o trabalho. Esse novo modo de continuar, ou ainda, de recontar a história por outros ângulos, instaura a dúvida e se faz como uma sombra na tradição. Ao instaurar tal dúvida, as pequenas vozes do outro alimentam um processo concomitante ao da performance denominado por complementaridade, que também se faz presente e desconstrói a noção de totalidade, inaugurando a presença da diferença, tal qual é proposto pelas teorias pós-modernas.

Reconhecer a história como um objeto que é construído abre a possibilidade de trabalho com a memória sob um ponto de vista cultural, examinando como se dão as relações de poder que atuam na sua constituição, determinando o que será ou não transmitido sobre o passado ao longo dos tempos. Dessa forma, a memória constitui-se como instrumento e objeto de poder, e seu espaço como um espaço de luta política, em que memórias concorrentes lutam pelo desejo de serem reconhecidas e de intervirem na história.

Dessa forma, não podemos lidar com a história como um objeto único, verdadeiro. O que existe são verdades no plural, ou seja, versões determinadas por pontos de vista. É aqui que entra o importante papel da memória, que age na narrativa desconstruindo verdades ao mesmo tempo em que tenta consolidá-las. A partir dessa interação é que se torna possível (re) construir a história.

É esse o nosso objetivo no presente trabalho. A partir dos textos que selecionamos da coluna “Causos & Cousas”, contrastando-os com textos de outros autores, pretendemos analisar como a memória de Resende Costa é recuperada. Partindo das lembranças do colunista, traçaremos aspectos da

história da cidade. Dado que lembrar é estar presente no passado, ou seja, é ressignificar o momento presente com os olhos de quem vivenciou o passado, as lembranças não serão consideradas meramente individuais, mas oferecerão possibilidades de registros coletivos, assim como propõe Gloria Reis (2007):

Se muitas vezes confundem-se datas e locais, por outro lado, detalhes e instantes são convincentemente rememorados e assumem forte significação. Nos “relatos memoriosos” misturam-se diversas percepções de tempos e espaços, os modos de cada um lembrar-se da época no momento da narrativa. Assim, o passado ganha novos sentidos atribuídos pelo presente. (REIS, 2007, p. 228)

Visando alcançar tal objetivo, essa dissertação será dividida em quatro capítulos. O primeiro intitulado “Delineando o contexto da coluna “Causos & Cousas” propõe um delineamento do contexto em que o *Jornal das Lajes* e conseqüentemente a coluna escolhida surgem, ou seja, no ano de 2003. Esse contexto é chamado por pós-moderno e caracterizado por intensas práticas culturais. Dessa forma, esse capítulo pretende discutir como se constituem essas práticas, trazendo uma reflexão acerca do conceito de pós-moderno.

No segundo capítulo, “Traçando o perfil da coluna “Causos & Cousas”, iniciaremos o estudo propriamente dito da coluna. Já que os textos da coluna são inseridos no gênero crônica, inicialmente faremos a caracterização desse gênero. Em seguida, analisaremos o papel da memória, através de alguns textos da coluna que nos permitirão conhecer o tratamento dado pelo colunista Rosalvo Pinto à memória em suas narrativas. Para entender esse tratamento, veremos ainda como a cultura é abordada, elemento fundamental no contexto da pesquisa.

Em “(Re) construindo a história de Resende Costa a partir da coluna “Causos & Cousas”, terceiro capítulo, será levantada a relação entre a memória e a história, que permitirá, através das narrativas de memória escolhidas para exemplificar esse trabalho, (re) construir a história da cidade de Resende Costa, especificamente a história da religiosidade da cidade. Buscando um enriquecimento dessa história, será feito um diálogo com outros autores, que também falam sobre a cidade e nos permite enxergar diferentes pontos-de-vista sobre a mesma realidade.



Por fim, no quarto capítulo, será proposta a construção da identidade da referida coluna, em “Construindo a identidade local através da coluna “Causos & Cousas”. Para isso, será abordado o espaço contraditório das cidades, lugar em que se passam as análises feitas anteriormente, e também será discutida a relação entre o local e o global, como tentativa de explicar o papel da coluna “Causos & Cousas” perante o *Jornal das Lajes* e também perante o contexto da contemporaneidade chamado de pós-moderno.

# Capítulo 1:

## Delineando o contexto da coluna “Causos & Cousas”

### 1.1 A dificuldade de definição da contemporaneidade

Nas últimas décadas, os fenômenos e transformações que envolvem as sociedades humanas têm alimentado inúmeras reflexões acerca das estruturas sociais do mundo contemporâneo. Depois de duas grandes guerras que provocaram reações políticas em todos os cantos, instaura-se uma nova forma de encarar os acontecimentos. Tais mudanças vêm acompanhadas pelo avanço tecnológico e pela quebra de espaços e barreiras trazidos pela globalização. Assiste-se a uma mudança social que indica a emergência de uma nova situação histórica alimentada por perspectivas teóricas e ideológicas heterogêneas.

O mundo não obedece mais às regras do antagonismo. O que vale agora é a emergência do pluralismo como diferentes formas de ver e refletir sobre o contexto mundial. Várias são as tentativas de definição das correntes críticas teóricas. Vários são os críticos que se sobressaíram e ainda se sobressaem contribuindo para o florescimento de novas teorias. Conceitos relevantes para explicar os fenômenos de qualquer esfera e que antes eram estáveis, tais como cultura e identidade, aparecem agora mesclados e em constante processo de mudança e construção. A existência de padrões passa a ser abandonada. Assisti-se a uma abertura maior no campo do saber e conseqüentemente do poder. A presença da diferença torna clara a emergência da alteridade nas esferas sociopolítica e cultural.

Para nos referirmos a esse contexto, falamos em “pós-moderno”, “pós-modernismo” e “pós-modernidade”, termos de difícil definição que vêm sendo usados para se relacionar aos mais variados objetos e às mais diversas situações dessa nova era histórica que surgiu a partir dos anos 50.

De uma maneira geral, o adjetivo pós-moderno é usado para caracterizar a condição da pós-modernidade, bem como os objetos culturais de uma estética pós-modernista. Linda Hutcheon, em seu livro *Politics of Postmodernism* (1989), utiliza o termo “pós-modernidade” para se referir especificamente ao período social e filosófico que estamos vivendo. Esse período, segundo vários teóricos, caracteriza-se pelo desenraizamento, pela fragmentação, pela pluralidade e ambiguidade. Já o termo “pós-modernismo” serviria para nomear as profundas transformações em relação ao modernismo ocorridas no campo das artes, da arquitetura, da ciência e da cultura de um modo geral.

Assim, de acordo com Steven Connor em seu livro *Teoria e Valor Cultural* (1996), pós-modernidade é a condição sócio-cultural e estética do capitalismo contemporâneo, assim como para o crítico marxista norte-americano Fredric Jameson (apud Connor, 1996), a pós-modernidade é a "lógica cultural do capitalismo tardio". O uso do termo se tornou corrente, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e pertinência. Tais controvérsias possivelmente resultem da dificuldade de se examinarem processos em curso com suficiente distanciamento e, principalmente, de se perceber com clareza os limites ou os sinais de ruptura nesses processos. É difícil apreender o contemporâneo, já que estamos inseridos no contexto dele. Assim como afirma Connor (1996), só se pode obter e aproveitar o conhecimento sobre coisas de alguma maneira acabadas e encerradas, e não, portanto, sobre aquilo que ainda vivemos. Por isso, talvez se justifique a tamanha dificuldade de descrição desse contexto:

Isso quer dizer que a pós-modernidade tem de ser considerada, em parte, em termos da dificuldade de descrevê-la; ou, antes, em termos da dificuldade de especificar o “lá” que é a pós-modernidade depois da introdução do conhecimento e da teoria da esfera da cultura, no momento mesmo em que a própria cultura altera o seu escopo e a sua coordenação. (CONNOR, 1996, p.56)

Gertz (2001) revela sua posição no título de um dos seus capítulos *O mundo em pedaços: Cultura e política no fim do século*. Segundo ele, não é fácil a tarefa dos cientistas políticos de dizer algo útil sobre um mundo que parece

desmontado ou que, talvez, esteja sofrendo o processo de desmontagem. Daí, a ideia de um mundo em pedaços, fragmentado.

O filósofo Jean-François Lyotard em seu livro *O pós-moderno* afirma que o termo “*pós-moderno*” designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX (LYOTARD, 1993, p. xv), quando uma revisão crítica do passado levou as noções de valor e as práticas de legitimação de poder que ocorrem em diversos campos do saber a questionamentos, fazendo com que os grandes relatos dominantes entrassem em crise. Segundo este pioneiro no emprego do termo, a condição pós-moderna, então, caracteriza-se pelo fim das metanarrativas, ou seja, narrativas de nível superior (“meta-” é um prefixo de origem grega que significa “para além de”). Uma metanarrativa assume o sentido de uma grande narrativa, julgando-se capaz de explicar todo o conhecimento existente ou capaz de representar uma verdade absoluta sobre o universo. É esta crença nas totalidades e na capacidade de uma metanarrativa para congregar todo o conhecimento possível que levou Lyotard à proposição da condição pós-moderna como uma reação à confiança dessa utopia: *considera-se que o “pós-moderno” é a incredulidade em relação às metanarrativas* (LYOTARD, 1993, p. XII). Assim, o pós-moderno desconstrói a possibilidade de uma narrativa capaz de explicar tudo o que se sabe sobre o homem e o mundo.

Os grandes esquemas explicativos teriam caído em descrédito e não haveria mais garantias, posto que mesmo a ciência já não poderia ser considerada como a fonte da verdade. Em sua discussão sobre a construção do saber científico, Lyotard chama atenção para outro tipo de saber, o saber narrativo que, segundo ele, interfere na principal preocupação das ciências: o problema da legitimação, que leva à afirmação e consolidação do valor. É no processo de legitimação que entra a importância do saber narrativo para a construção do saber científico, um saber tido como natural, mas que, na verdade, é resultado de uma construção narrativa ou discursiva.

Jean Baudrillard, em *A sociedade do consumo* (apud Connor, 1996), ao fazer a análise do fenômeno característico das sociedades da segunda metade do século XX, aborda outro elemento importante no contexto descrito: o consumo.

Hoje em dia, cada vez mais existe uma evidência do consumo devido à multiplicação dos objetos, serviços e bens materiais. O que caracteriza essa sociedade é a universalização das atividades propiciada pela comunicação em massa. Toda a informação política, histórica e cultural é acolhida sob a mesma forma. As comunicações de massa não nos fornecem a realidade, mas sim a “vertigem” da realidade. Baudrillard afirma que a relação do consumidor com seu mundo não é do interesse, mas sim da curiosidade.

Segundo o que diz Connor (1996), no ensaio em que são discutidas as teorias de três grandes nomes da pós-modernidade social, econômica e política (Lyotard, Jameson, Baudrillard), já citados anteriormente, o pós-moderno vem se afirmando por suas condições plurais, mostrando o social e o cultural como sendo indistinguíveis. No texto fica evidente o questionamento do autor quanto ao que poderia ser chamado de tempestade de mudanças:

Por conseguinte, em vez de perguntarem como um mundo pode ser conhecido, as ficções pós-modernas perguntam: “O que é um mundo? Que tipos de mundo existem, como são constituídos e como diferem entre si? O que acontece quando tipos distintos de mundo são postos em confronto ou quando fronteiras entre mundos são violadas? (CONNOR, 1996, p.105)

O pós-moderno também é responsável pelo que os conservadores adeptos de uma corrente apocalíptica chamariam de “fim”. Fala-se, por exemplo, no “fim da história”, “no fim da literatura”. Isso porque, na pós-modernidade, conceitos totalizantes são desafiados e se colocam em crise grandes narrativas e tradições hegemônicas, procurando demonstrar que os discursos de conhecimento e da arte não são objetivos ou universais, mas sim cuidadosa e narrativamente construídos. Porém, não significa dizer que é o fim de tais narrativas pelo fato de elas se encontrarem em crise. Elas estão sendo questionadas e problematizadas, vistas como frutos de construções humanas.

Além disso, pode-se perceber que parte da problemática ocasionada pelo uso dos termos “pós-modernidade”, “pós-moderno” e “pós-modernismo” gira em torno do prefixo “pós”. Estar inserido no contexto pós-moderno não significa estar de acordo com a visão de uma época posterior à moderna, que sugere ruptura ou

que marca o fim do considerado moderno, contrapondo aí os prefixos pré- e pós-, já que houve a era pré-moderna que serviu de acesso ao modernismo. A proposta pós-moderna não é de ruptura com o passado ou com um suposto passado moderno, já que a modernidade ainda não chegou ao fim. O que o prefixo pós-pretende é ir além do que a perspectiva moderna propõe. O pós-moderno não rejeita por completo o moderno, mas sim ultrapassa suas fronteiras e seus binarismos limitadores de verdade versus ficção, ciência versus arte, alta cultura versus baixa cultura, repensando o passado e as narrativas que se produzem sobre ele. Segundo Huyssen,

Porém o que acho mais importante no pós-modernismo contemporâneo é que ele opera num campo de tensão entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massas e grande arte, em que os segundos termos já não são automaticamente privilegiados em relação aos primeiros; um campo de tensão que já não pode ser compreendido mediante categorias como progresso versus reação, direita versus esquerda, presente versus passado, modernismo versus realismo, abstração versus representação, vanguarda versus Kitsch. (HUYSSSEN, 1992, p. 74)

O teórico Sigmund Bauman (2001), tendo em vista essa relação entre o moderno e o pós-moderno, para se referir à pós-modernidade preferiu o termo “modernidade líquida”, termo esse que não dava a ideia de fim da modernidade, mas ao contrário enfatizava uma realidade ambígua, multiforme, na qual, como na clássica expressão marxiana, “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Utilizando-se das metáforas dos sólidos e dos líquidos, Bauman discute as transformações de uma modernidade pesada e sólida para uma modernidade leve e líquida, ou pós-modernidade, ou ainda, modernidade tardia. Durante a primeira modernidade, o que se tinha eram sólidos, ou seja, instituições dadas, auto-evidentes, enraizadas no espaço, baseadas em obrigações, leis e tradições e engajadas em práticas coletivas. Como tudo o que é sólido sofre a ação do tempo, essas instituições sofrem quebras e abrem espaço a outros tipos de instituições, mais flexíveis e abertas a questionamentos.

Dessa forma, tendo sido definido de diferentes maneiras por diversos campos do saber, tais como a literatura, a arquitetura e a filosofia, o termo “pós-moderno” e suas variantes têm se apresentado como uma problemática para os

teóricos, ao ponto de Connor (1996) atribuir a um de seus capítulos o termo “pós-modernidades”, no plural, enfatizando o caráter múltiplo e, muitas vezes, contraditório e paradoxal do termo. Somente a partir do pluralismo é que se pode refletir sobre o contexto em que estamos inseridos, visando compreender as práticas sociais e culturais do mundo contemporâneo.

## **1.2 As relações culturais no contexto pós-moderno**

Partindo do contexto heterogêneo levantado anteriormente e tendo em vista que a globalização tem o efeito de deslocar, romper e fragmentar aquilo que antes era entendido como unificado e fixo, a questão cultural também é abordada na pós-modernidade. Ligada a processos políticos, sociais, econômicos e também a modificações no que concerne o estudo das ciências humanas, mais precisamente após a segunda guerra mundial, com o surgimento dos estudos culturais na Inglaterra, a cultura é encarada como expressão de um conjunto de transformações econômicas, sociais e políticas que revelam a situação de um mundo sem fronteiras. As transformações históricas passam a ser pensadas no âmbito cultural, evidenciando que as práticas sociais mostram-se entrelaçadas, diferentemente de outrora em que eram vistas de forma isolada. De acordo com Hall (2003), a cultura não pode mais ser compreendida apenas como prática, ou como um conjunto de costumes ou de um modo de vida, e sim como a soma do inter-relacionamento de todas as práticas e padrões sociais vividos.

A diferença cultural pode ser compreendida com o reconhecimento de identidades minoritárias. Com um mundo de individualização em excesso, a identidade antes vista como estável e unificada, torna-se fragmentada e instável, em contínuo processo de construção. De acordo com Bauman (2005), isso se deve ao fato de o mundo em nossa volta estar repartido em vários fragmentos e conseqüentemente nos sentimos total ou parcialmente deslocados, como se nossas existências fossem pequenas fatias desse contexto. Dessa forma, a identidade torna-se negociável e revogável, considerando inclusive a maneira como o indivíduo age. Em uma época denominada pelo autor como “líquido-moderna”, *[a]s identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas*

*outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta (...).* (BAUMAN, 2005, p. 19).

Como bem observou Stuart Hall, vivemos uma crise de identidade, propiciada pelo contexto de mudanças:

A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2003, p. 07).

Para o autor, o que está em jogo na questão das identidades é o próprio jogo de identidades, uma vez que elas se tornaram uma celebração móvel. A ideia de alteridade muda a concepção de identidade cultural. Para Hall (2001), a identidade cultural não é uma essência fixa, não é um espírito universal e transcendental, não significa um por todos, não tem uma origem fixa da qual partimos em direção a um fim e para a qual retornamos, não é meramente um fantasma. A identidade é alguma coisa viva que tem histórias que levam a efeitos reais, materiais ou simbólicos. Ela é construída pela memória, fantasia, fatos, narrativas ou mitos. É um posicionamento, um ponto de identificação instável. Para o teórico, é importante pensar a diferença como intrínseca à continuidade. A inscrição da diferença é específica e crítica. Não deve ser tomada como uma representação cuja estrutura é binária.

Abordando a cultura como elemento central no processo das relações sociais, temos a linha norteadora dos estudos culturais, campo de estudos que sugere a ideia de uma rede que articula diversos sistemas de análise. São buscadas maneiras alternativas de analisar como as culturas manifestam sua individualidade, em meio aos fenômenos globais.

Os estudos culturais emergem nos meados da década de 50 na Inglaterra. A partir de algumas obras, tais como *As utilizações da cultura*, de Richard Hoggarth, *Cultura e sociedade* e ainda *The Long Revolution*, ambas de Raymond Williams, as transformações históricas são explicadas e repensadas levando em consideração a cultura. Por isso, alguns teóricos falam da complexidade que



envolve a problemática da cultura também no fim do século XX e início do século XXI.

Como objeto de análise dos estudos culturais, temos o mapeamento das tendências e contradições existentes nas construções de subjetividades, visualizadas enquanto formas históricas específicas e, portanto, contextualizadas. De acordo com Richard Johnson (2000):

Parece-me que os Estudos Culturais também estão preocupados com sociedades inteiras (ou formações sociais mais amplas) e como elas se movimentam. Mas eles examinam os processos sociais a partir de um outro ponto de vista. “Nosso” projeto é o de abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos “vivem”, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente. (JOHNSON, 2000, p. 29)

Ainda de acordo com Johnson, a lógica dos estudos culturais é perpassada pelo pensamento teórico pós-moderno. Já que lida com a heterogeneidade, o pensamento pós-moderno permeia as relações de conflito expressas pelas minorias presentes nas análises dos estudos culturais. É proposta uma abertura e uma flexibilidade em prol da diferença, perpassando pelos discursos pluralista e relativista. A teoria é encarada como um conjunto de conhecimentos contestáveis que precisam ser debatidos de um modo dialógico. Compreender analiticamente as relações entre diferentes estruturas inclui aceitá-las na sua diferença.

Sob uma perspectiva pós-moderna, que questiona a noção de verdade, além de desvelar os enunciados que formam o saber em seu conjunto, levando a uma crítica das suas legitimidades e à crise dos grandes determinismos, os estudos culturais possibilitam uma revisão crítica capaz de levar à desconstrução e a uma ampliação de conceitos que, conforme afirma Escosteguy (2001), adota o popular como opção política.

Embora os estudos culturais não se reduzam ao estudo da cultura popular, esta ainda se constitui como a principal problemática de seu projeto. Como uma área que surgiu a partir de estudos interdisciplinares da cultura, os estudos culturais problematizaram o conceito de literatura e reformularam o seu *corpus* de estudo, incorporando uma produção cultural que se realizava nas margens, ampliando o campo teórico para além do puramente literário e estético, fazendo

surgir novas possibilidades de análise e uma compreensão mais ampla das manifestações culturais.

Dentro da prática dos estudos culturais, a literatura mantém um constante diálogo com outras disciplinas, o que permite a convivência de diversos conceitos teórico-metodológicos na análise dos objetos literários, ampliando a visão dos mesmos para além da ordem textual e chegando a atingir dimensões de ordem cultural de tal forma que o objeto literário assume funções de objeto teórico, constituindo-se como um produtor de saber e revelando os efeitos desconstrutores das relações interculturais que trazem à tona discussões sobre o popular, a memória cultural e a maneira como a história é construída.

A partir da abertura permitida pelos estudos culturais, tornam-se passíveis de estudo e análise objetos que antes não eram considerados como tal, evidenciando um entrelaçar de diferentes formas e discursos. Surge uma nova concepção de literatura, refletida pela derrubada do cânone. Como sugere Bhabha,

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de “alteridade”. Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema da literatura mundial. (BHABHA, 1998, p. 33)

Antes o tema da literatura pautava-se apenas na forma ou na análise estrutural da obra pela obra e em um modelo a-histórico, que desconsiderava seu contexto de produção e recepção. A literatura partiu para sua própria teorização e determinou seu objeto de estudo, o cânone, que consistia em obras universais e essencialmente valiosas em si mesmas, de acordo com as ideologias vigentes nas diversas épocas em que esses valores foram definidos.

A palavra cânone deriva do grego antigo *kanon*, que significa um padrão a partir do qual todas as coisas devem ser julgadas e avaliadas. Como todo discurso disciplinar tende a privilegiar algo como forma de garantia de poder, o cânone constituiu-se como o objeto de estudo da teoria literária, sendo alguns gêneros como os folhetins, as histórias em quadrinhos, a ficção científica e o

próprio romance policial, relegados à categoria de literatura menor, massificada e popular.

Sobre a discussão a respeito do popular, é importante citar o texto de Stuart Hall (2003) intitulado *Notas sobre a desconstrução do popular*. Neste texto, Hall explicita duas conceituações que se têm demonstrado como o lugar comum de se pensar o termo. A primeira estaria ligada ao mercado e ao comércio dos bens culturais. Dessa forma, o popular seria algo muito consumido que carregaria consigo a reprodução da ideologia dominante. A essa forma de pensar o popular, Hall faz uma crítica, primeiramente, à ideia da existência de uma cultura genuína e inerentemente popular. Em segundo lugar, ele critica tal pensamento de massificação e aviltamento que desconsidera as diferentes formas de recepção, como se todas as pessoas vivessem em um estado de “falsa consciência”, fadadas a serem manipuladas inevitavelmente pelo sistema dominante.

A segunda definição de popular diz respeito ao que o povo faz ou tem feito. Essa definição, de acordo com Hall, também é problemática uma vez que, ao se definir algo, deve-se ter em mente aquilo que esse algo não é, e definir o que não é popular sob essas condições acarretaria em uma listagem quase infinita. Além disso, tal conceituação desconsidera o processo histórico bem como o dinamismo das formas culturais e o fato de que, em se tratando de cultura, em cada período os conteúdos de cada categoria mudam.

Depois de problematizar essas duas definições de popular, Hall propõe uma terceira definição, influenciada pela teoria da hegemonia de Gramsci, que considera a cultura como um espaço de luta. Sob esse ponto de vista, o campo do popular constitui-se como um campo de batalha caracterizado por contínua tensão, vinculação, influência e antagonismo com a cultura dominante. Trata-se de um conceito sem garantias, em que o importante não é o objeto em si, mas o processo, ou seja, a relação de poder através da qual algumas coisas são preferidas enquanto outras são menosprezadas. O trabalho dos estudos culturais, portanto, não é atribuir valor, dizendo o que é ou não popular, mas sim perceber como esse processo de valorização e legitimação se dá e quem são os responsáveis por ele.

Steven Connor (1996), em *Teoria e Valor Cultural*, fala sobre o processo de valoração presente na história das disciplinas e afirma que “o valor é inescapável” e que até mesmo uma tentativa de se fugir dele constitui um ato de valoração. Para sustentar sua afirmação inicial, Connor começa se apoiando na divisão que se faz entre disciplinas saturadas de valor, como as das ciências humanas e sociais, e as disciplinas científicas ou livres de valor, liberdade essa questionada pelo autor já que tal objetividade é impossível de ser alcançada. Ao fazer tal distinção, o autor ressalta a grande valorização dada pelos cientistas e pelos indivíduos a trabalhos considerados livres de valor e a busca incessante das ciências humanas e sociais pelo escape da valoração em seus estudos.

Considerando então que o pós-moderno vem se afirmando por suas condições plurais, mostrando o social e o cultural como sendo indistinguíveis, e que os estudos culturais incorporam uma produção cultural que se realiza nas margens, ampliando o campo teórico para além do puramente literário e estético, surgem novas possibilidades de análise possibilitadas por uma compreensão mais ampla das relações e manifestações culturais no contexto contemporâneo.

Dessa forma, partimos dessa abertura dada ao campo de análises para desenvolver nosso trabalho, objetivando analisar o papel da memória dentro dos estudos sobre cultura em fontes primárias, o que se tornará possível a partir do estudo da coluna “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes* da cidade de Resende Costa. A partir de algumas crônicas de Rosalvo Pinto, pretendemos analisar o papel da memória, articulando-a à história e visando a uma reflexão acerca da construção da memória cultural como reveladora de identidades e tradições locais. Para isso, serão também analisados textos de outros autores que permitem um diálogo com Rosalvo Pinto, tais como Antônio de Lara Resende, Otto Lara Resende, Micênio Carlos Lopes dos Santos e Gustavo Melo Silva.

### **1.3 Um breve panorama do *Jornal das Lajes***

Em pleno contexto contemporâneo, em abril de 2003, surge em Resende Costa o *Jornal das Lajes*. Por iniciativa de um pequeno grupo de onze

resendecostenses, sendo alguns deles estudantes da escola pública da cidade e o pároco da época, começa a circular o primeiro jornal da história do local.

Resende Costa é um município brasileiro do estado de Minas Gerais cuja população é de dez mil quinhentos e trinta e um habitantes, de acordo com o último censo do IBGE realizado em 2007. A cidade surgiu na primeira metade do século XVIII como *Povoado de Laje*. A Capela Nossa Senhora da Penha de França foi erguida em 1749 e, em torno dela, foram construídas oito casas para abrigar as primeiras famílias que se estabeleceram na região, entre elas a do inconfidente José de Resende Costa. Em 1911, o *Povoado de Laje* ganhou sua autonomia como município, recebendo o nome atual - uma homenagem aos inconfidentes (pai e filho) que ali viveram. Nesta época, o município experimentou maior desenvolvimento econômico, favorecido por sua localização no entroncamento de várias estradas para a zona Oeste de Minas Gerais.

O *Jornal da Lajes* já traz então no próprio nome parte da história da cidade, podendo ser encarado como uma produção cultural que permite uma análise enviesada pelo olhar dos estudos culturais no contexto contemporâneo.

A primeira edição do jornal só foi possível com o patrocínio de empresários da cidade. Em troca, foi reservado um espaço para a divulgação de suas empresas e até hoje, completando em 2009 o sexto ano de publicação, é assim que acontece. As despesas para a publicação do jornal são cobertas pelos patrocinadores e ao longo das páginas o comércio de Resende Costa vai sendo divulgado.

A distribuição do *Jornal das Lajes* é, desde a primeira edição, gratuita e mensal, embora nas edições do período entre 2004 e 2006 conste no cabeçalho a especificação de dois meses. O objetivo da equipe, ao lançar o jornal, era manter um diálogo com a sociedade através de assuntos sobre a cidade. Esse objetivo pode ser comprovado no espaço “Editorial”, que em toda edição deixa clara a intenção dos membros do periódico. Assim, pode-se evidenciar a preocupação com o público e, especificamente no primeiro exemplar, a expectativa da equipe em conferir se a ideia daria certo:

É com muito prazer e com muito suor que apresentamos este jornal que agora chega em suas mãos. (...) Contudo, o desejo de construir um jornal que informe, com total imparcialidade, o que está acontecendo em

nossa cidade, que dê à sociedade voz ativa para que possa cobrar das autoridades medidas sensatas sobre eventuais problemas, muito nos motivou e estimulou, (...). Obrigado a todos e que este jornal venha a ser de muita utilidade. (*Jornal das Lajes*, n. 1, abril de 2003, p.2)<sup>1</sup>

As expectativas foram superadas e já na segunda edição o número de páginas cresce de quatro para oito: *Chegamos ao 2º mês de vida com a mesma proposta, com idêntico entusiasmo (...)* (*Jornal das Lajes*, n. 2, maio de 2003, p.2). A partir de dezembro de 2003, o periódico conta com doze páginas. A equipe do jornal se orgulha de uma iniciativa que deu certo e ainda visa a uma expansão dos limites de circulação do periódico que, além de Resende Costa, já circula na cidade vizinha de São João del – Rei: *A 57ª edição do Jornal das Lajes inicia uma nova fase do periódico. Ela marca o início de um grande sonho da equipe que é o de transformar o JL num jornal regional.* (*Jornal das Lajes*, n. 57, janeiro de 2008, p.2)

Como se percebe, o jornal foi adquirindo cada vez mais importância para a população de Resende Costa. A cidade que tem pouco mais de dez mil habitantes, conta com três mil exemplares que circulam pelas ruas. Os responsáveis pelo jornal, no início de cada mês, espalham os volumes pelos pontos comerciais de Resende Costa. Dessa forma, o povo já sabe que basta entrar em um ponto comercial qualquer e pegar o jornal. Desde 2005, a equipe também disponibiliza a assinatura do periódico, a fim de recebê-lo em casa, para resendecostenses ou para quem reside em outras localidades. Assim, a renda obtida ajuda nas despesas.

A equipe do jornal, ao longo de sua existência, foi sofrendo alterações. Os colunistas escrevem pelo prazer de escrever, sem fins lucrativos. Muitos deles moram na cidade e, mesmo aqueles que não moram, são filhos da terra ou já viveram lá. No entanto, todos mantêm laços com a história da cidade e revelam aos leitores, através de suas linhas, que são apaixonados por ela.

As colunas também foram sendo modificadas e ampliadas no decorrer desses anos. Como já mencionado nas citações que comprovam o objetivo da equipe do jornal, o espaço é utilizado para divulgação de acontecimentos, fatos e

---

<sup>1</sup> Todos os textos do *Jornal das Lajes* utilizados ao longo da dissertação seguem em anexo.

problemas do local. Isso se torna possível através de colunas, tais como “Atualizando-se”, “Aconteceu” e “Jogo Aberto”, espaço cedido para entrevistar alguém devido a algum fato acontecido ou por acontecer. Além dessas colunas, são reservados espaços para a “Voz do cidadão”, dicas de “Cinema”, “Saúde”, “Religião”, “Política” e um “Giro Esportivo”, que juntamente com a “Coluna Policial” mantêm a população informada sobre o que acontece.

No âmbito da cultura, colunas de nomes sugestivos também aparecem: “A teia do mundo”, “Causos & Cousas”, nosso objeto de estudo, “Crônicas do Cotidiano” e “Soltando o Verbo”. Nestas, os colunistas trazem à tona fatos que revelam atitudes, nomes e acontecimentos que marcaram e marcam a história da cidade. São textos que se dirigem aos leitores do jornal de um modo geral. A partir da edição de outubro de 2007, também aparece uma coluna que ressalta o nome de representantes da literatura brasileira, cujo título é inspirado em um poema de Carlos Drummond de Andrade, “Contemplando as Palavras”.

Em setembro de 2004, foi criada a AMIRCO, Amigos da Cultura de Resende Costa, através da iniciativa de alguns membros do jornal. A associação, sem fins lucrativos e julgando-se distante de questões político-partidárias, visa ao desenvolvimento da cidade no âmbito das artes e da cultura.

Assim sendo, pela importância que o *Jornal da Lajes* vem adquirindo para o povo da pequena cidade de Resende Costa e pela variedade de assuntos tratados, principalmente por revelar aspectos históricos, sociais e culturais do lugar, torna-se possível o seu estudo. Para a leitura que pretendemos empreender neste trabalho, buscando resgatar a memória cultural da cidade, escolhemos a coluna de Rosalvo Pinto, “Causos & Cousas”, como *corpus* da nossa pesquisa.

A coluna “Causos & Cousas” aparece pela primeira vez na quinta edição do *Jornal das Lajes* em agosto de 2003. Nos primeiros onze exemplares em que aparece a coluna, o título era “Causos & Cousas de Resende Costa”. A partir do volume 16 do jornal, ela se torna simplesmente “Causos & Cousas”.

A coluna se instaura na segunda página do jornal e curiosamente, enquanto as outras colunas mudam de lugar, “Causos & Cousas” mantém o seu espaço fixo, apresentado alterações dentro da ordem da página nos volumes 9,

10, 11,12 e 14. Ela divide seu espaço, desde a sétima edição do jornal, com as “Crônicas do Cotidiano”, data em que esta última coluna surge. Alguns textos são acompanhados por desenhos, feitos pela equipe de redação do jornal, ou por fotografias, do colunista ou de ilustrações do assunto tratado.

O colunista é Rosalvo Gonçalves Pinto, doutor em linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor colaborador na mesma instituição. Ele nasceu e viveu parte de sua vida em Resende Costa. Hoje mora em Belo Horizonte e durante as folgas vem para a sua cidade natal.

Rosalvo Pinto, como assina a coluna, faz da história de Resende Costa o tema de seus textos. Para isso, são utilizados fatos e pessoas que marcaram e marcam o lugar. Muitas de suas narrativas estão baseadas em suas próprias experiências e reminiscências do tempo em que viveu na cidade.

Iniciaremos então, no próximo capítulo, o estudo da coluna “Causos & Cousas” propriamente dita, objetivando compreender o papel da memória através dos textos que selecionamos para, por meio deles, traçar uma possível (re) construção da história da cidade de Resende Costa.



## **Capítulo 2:**

### **Traçando o perfil da coluna “Causos & Cousas”**

#### **2.1 A caracterização da crônica**

A coluna “Causos & Cousas”, escolhida para exemplificar o trabalho com a memória no *Jornal da Lajes*, traz textos que são inseridos no gênero crônica. Inicialmente, ao trabalhar com a coluna, julgamos necessário caracterizar a crônica. Por mais que se tenha falado desse assunto através de várias análises já feitas, pretendemos abordar um pouco do aspecto curioso que envolve a classificação desse gênero, que por não ser considerado um estilo puramente literário envolve diferentes posições.

A palavra crônica origina-se da palavra grega “khrónos”, que significa tempo. Em latim, temos a palavra “chronica”, usada para designar o registro dos acontecimentos históricos, cronologicamente, sem um aprofundamento ou interpretação dos fatos. Os primeiros cronistas relatavam, principalmente, os acontecimentos históricos relacionados a pessoas mais importantes, como reis e imperadores. Pela origem do termo, pode-se verificar que a crônica é um gênero que existe há muito tempo, mas que sofreu alterações ao longo dos anos.

Com as mudanças, além de relatar fatos históricos, os cronistas também passaram a registrar a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do seu tempo. Estes textos passaram a ser publicados em revistas e jornais, ou seja, em veículos de grande circulação. Por isso, o desenvolvimento do gênero crônica é associado muitas vezes à implantação da imprensa.

Segundo Antonio Candido (1992), o gênero nasceu praticamente junto com o jornalismo. Ele descreve que, antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões políticas, sociais, artísticas e literárias cotidianas. Assim era o folhetim “Ao correr da pena” do jornal

*Correio Mercantil*, em 1854, no qual José de Alencar escrevia ilustrando os costumes do Rio de Janeiro, marcando assim o aparecimento da crônica enquanto estilo específico aqui no Brasil. Mas, na carta de Pero Vaz de Caminha, tida como certidão de nascimento da Literatura Brasileira, o caráter da crônica já é observado no registro do descobrimento do Brasil, dado que Caminha retratou ao rei de modo subjetivo como era a terra recém-descoberta, os índios e seus costumes, apresentando uma visão mais semelhante à de um cronista do que de um historiador.

Para Afrânio Coutinho (1971), o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Ele assinava o “Folhetim Semanal”, tendo como continuadores José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc. Coutinho relata as primeiras manifestações da crônica na imprensa brasileira do século XIX:

Quem percorrer os jornais desse período observará que, no seu bojo, atenuando as exuberâncias da paixão política, insinuava-se algo que tinha principalmente um objetivo: entreter. Era a crônica, destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-a assimilável a todos os paladares. (COUTINHO, 1971, p.110)

Já Antonio Candido alega que a crônica brasileira somente assumiu feição de gênero tipicamente nacional na década de 30:

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria “o” cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (CANDIDO, 1992, p.17)

Por isso, Candido defende que a crônica, sob vários aspectos, poderia ser encarada como um gênero tipicamente brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que se desenvolveu.

A crônica, porém, envolve uma dificuldade de caracterização. Isso se deve ao fato de ela não ter um formato específico, sendo encarada muitas vezes como artigos, críticas, reportagens, contos ou qualquer outro tipo de texto. Além disso, a crônica não é considerada por muitos autores um gênero literário, já que mescla diferentes características e não constitui um estilo puramente literário.

Pode-se dizer que a crônica é um gênero híbrido entre a literatura e o jornalismo. Ela se associa à narração do curso mais ou menos imediato dos acontecimentos humanos, propiciando uma leitura rápida, quase descartável, pois seu meio tradicional de veiculação é o jornal ou o periódico. Inserida nos fatos contidos no jornal, a crônica ora é considerada elemento jornalístico ora uma invasora do mundo real com narrativas líricas e fantasiosas. A possibilidade de o cronista inventar incidentes e contar histórias traz para as páginas do jornal um fazer literário por excelência que permite criar outra possibilidade do real e ainda mesclar características jornalísticas e literárias.

Afrânio Coutinho (1971) defende que a crônica pende mais para a natureza literária e também reforça que o fato de ser publicada em jornal não é sinônimo de pouco valor, pois enquanto o jornalismo possui objetivo no fato, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, para que o escritor retire suas virtuosidades de estilo, espírito, graça, ou seja, de suas faculdades inventivas. O cronista se nutre do mundo real, onde encontra inspiração para escrever e fantasiar a realidade.

Para Antonio Candido, tal característica, também, não diminui a importância da crônica, já que (...) *ela está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. [...] [pegando] o miúdo, mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas* (CANDIDO, 1992, p. 14).

Sendo considerada um gênero que apresenta dupla filiação, já que o tempo e o espaço curtos permitem o tratamento literário a temas jornalísticos, a crônica tem a concisão do jornal e a poeticidade da literatura, o que permite ao cronista recriar o cotidiano através de seu olhar. Nela se podem apresentar pequenos contos, artigos, ensaios ou poemas em prosa, ou seja, tudo aquilo que informe ao leitor os acontecimentos diários. O cronista faz descrições e comentários a partir da observação direta de fatos ou situações sujeitos às marcas do subjetivismo.

Desse modo, registrar o elemento circunstancial passa a ser o princípio básico da crônica.

Por essas características, e principalmente por sua brevidade, a crônica torna-se um gênero peculiar para que o leitor possa, ainda que indiretamente, construir sua opinião a respeito dos principais temas do noticiário nacional ou internacional, na medida em que a continuidade de publicações das crônicas de um mesmo jornalista estabelece um diálogo entre ele, o leitor, e o autor.

Os cronistas escrevem como quem conversa com seus leitores, como se estivessem muito próximos. Estes são envolvidos com reflexões sobre a vida social, política, econômica, de forma humorística ou de modo mais sério. Essa relação é caracterizada por Ivan Angelo em um artigo publicado na revista *Veja* como uma relação de cumplicidade:

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs. (ANGELO, 25 de abril de 2007)

A linguagem utilizada nas crônicas mescla aspectos da escrita e da oralidade, o que dá ao texto um caráter mais informal e o aproxima da realidade do leitor. Ela pode ser simples e direta ou aparecer de forma mais elaborada, com um jeito poético. O que sobressai ao narrar os textos, independente da modalidade linguística utilizada, é o objetivo do cronista de revelar a grandiosidade de fatos corriqueiros ao seu leitor.

Devido ao uso da linguagem coloquial e à proximidade com os fatos cotidianos, a crônica, mesmo quando apresenta aspectos de gênero literário, é vista como literatura “menor”, o que para Candido não tem importância:

(...) a crônica não é um ‘gênero maior’ (...) ‘Graças a Deus’, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura (...).(CANDIDO, 1980, p.5)

Cabe considerar ainda que a crônica pode tratar de qualquer tema, aleatoriamente escolhido por seu autor, voltado para suas experiências ou não. O cronista busca criar um estilo simples, divertido e breve, mas não deixa de discutir os problemas sociais da sua realidade.

Todas essas características, entretanto, dão à crônica o caráter diário que a coloca na intersecção entre o texto jornalístico e o literário, permitindo que o leitor possa conhecer a expressão de uma determinada época a partir de um texto acessível a ele.

Essa caracterização do gênero crônica pode ser vista na coluna “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes*. Os textos que selecionamos da coluna, que serão discutidos ao longo desse trabalho, mostram que o cronista Rosalvo Pinto busca proporcionar ao leitor um contato com as características do cotidiano do passado.

O colunista organiza suas narrativas em primeira pessoa, como quem conta um caso, o que o próprio título da coluna já evidencia. Ao narrar, ele insere diálogos com expressões cotidianas, com uma linguagem coloquial não deixando de incluir o leitor, através de um tom intimista, culminando numa cumplicidade entre ambos.

No texto “Jornal das Lajes”, publicado em novembro/dezembro de 2006, é possível identificar a aproximação do cronista com o leitor, assim como em vários outros textos. Ao falar de forma inédita sobre o jornal em que ele escreve, Rosalvo Pinto faz com que o leitor seja aproximado por uma linguagem simples, com termos coloquiais e uso constante de diminutivo:

Se nossos leitores prestaram atenção, esta é a edição de número 44. Ou seja, o nosso *Jornal das Lajes* está completando agora, em dezembro, 3 aninhos e 8 meses. Já está bem grandinho, forte e sacudido, beirando os 4 aninhos. (*Jornal das Lajes*, n. 44, novembro/dezembro de 2006, p.2)

Mais adiante, o cronista convida o leitor a falar sério e conta a história do jornal, não deixando de demonstrar seu carinho pelo periódico, chamando-o por “jornalzinho do interior”, porém, *[b]em entendido, jornalzinho no sentido afetivo e carinhoso do termo*. Pinto também descreve coloquialmente os integrantes da

equipe do jornal realçando a competência deles: (...) *é gente animada e competente pra num botar defeito!*

Nesta crônica também é explícita a intersecção entre o texto jornalístico e o literário, permitindo que o leitor possa informar-se sobre o histórico do jornal a partir de um texto elaborado de forma bem direta, em três colunas, que traz no fim uma referência literária através de uma citação da Cecília Meireles: *Sede assim, / qualquer coisa serena, isenta e fiel. / Não como o resto dos homens.*

No entanto, todas essas características estão ligadas ao gênero crônica. Porém, destacaremos as crônicas que falam sobre o passado. Nossa intenção é buscar a expressão de uma determinada época a partir de textos acessíveis, caracterizados como crônicas, o que será possível através da coluna “Causos & Cousas”.

Dessa forma, tendo como base o tratamento dado à cultura no contexto contemporâneo chamado de pós-moderno, passemos ao conteúdo das crônicas da referida coluna do *Jornal das Lajes*, objetivando compreender como a memória é tratada nos textos dessa coluna.

## **2.2 O caráter da memória**

Os textos que selecionamos da coluna “Causos & Cousas”, como já foi dito, são elaborados pelo viés da memória. Por esse motivo, será necessário rever algumas teorias que auxiliam o estudo da memória para que a análise dos textos possa ser feita.

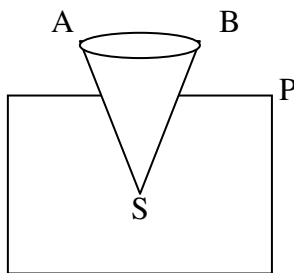
O teórico da filosofia, Henri Bergson, um dos primeiros a discorrer sobre a memória, direciona seus estudos para a questão da memória tratando-a como *o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas*. (BERGSON, 1990, p.23) Em seu livro intitulado *Matéria e Memória*, Bergson coloca em oposição esses dois termos, bem como as ideias de *corpo* e *espírito*. O teórico tenta relacionar os termos sob o conceito de imagem e percepção (ordem material) e lembrança e memória (ordem espiritual). Para ele, a memória serve para fazer a ligação entre o que se aplica ao campo do material e ao campo do espiritual. A percepção é algo puramente material, uma ação da matéria que, por não existir isoladamente,

remete à lembrança, por sua vez uma ação do espírito oscilando entre lembrar e perceber. Assim sendo, a imaginação, o ato involuntário, se auxilia da lembrança, a ação voluntária, para trazer de volta os acontecimentos que ficaram registrados no passado. Para o autor,

Em se tratando da percepção, ver-se-ão nela não mais que as sensações aglomeradas que a colorem; ignorar-se-ão as imagens rememoradas que formam seu núcleo obscuro. Em se tratando por sua vez da imagem rememorada, ela será tomada como algo pronto, concebida no estado de fraca percepção, e fechar-se-ão os olhos à lembrança pura que essa imagem desenvolveu progressivamente. (BERGSON, 1990, p.110)

Bergson argumenta que a percepção é uma construção da imagem pura localizada no presente, através da qual as lembranças seriam evocadas, já que estariam relacionadas ao passado. Porém, na percepção também atuam elementos e experiências do passado, que permitem ao sujeito o reconhecimento das coisas.

Para concretizar o momento exato em que o registro do passado se torna visível, Bergson desenvolveu uma representação do instante presente, através da ilustração do “cone da memória”. Para o autor, esse instante presente não é algo fixado no tempo. Na verdade, o momento presente pertence, ao mesmo tempo, ao passado e ao futuro. Isso ocorre porque quando se fala do momento presente ele já está se distanciando do sujeito, assim como também caminha em direção ao futuro. Em suas palavras, *é preciso portanto que o estado psicológico que chamo “meu presente” seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato.* (BERGSON, 1990, p.113) Essa representação do “cone da memória” é vista pela seguinte figura:



É relevante observar os instantes nos quais as lembranças acumuladas e assentadas em um passado imóvel tocam o plano do presente para que se entenda como essa articulação é feita. A base AB contém as lembranças do passado, enquanto P corresponde ao plano do presente.

Quando S, o vértice do cone, avança tocando o plano do presente, a percepção que o presente tem do que se foi traz de volta a lembrança acumulada que se assentara na base AB ao mesmo tempo em que a projeta para o futuro. Assim sendo, percepção e lembrança se interpenetram sempre, o que nos permite situar a memória não no passado, mas sim em constante trânsito entre o passado e o presente.

A partir disso, pode-se perceber que a questão da memória se encontra numa reorganização da estrutura da temporalidade dentro da qual vivemos e isso justifica o fato de ela ser tão evocada na contemporaneidade. Huyssen (2000) afirma que a memória *é um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes, constituindo-se como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais*. (HUYSSSEN, 2000, p. 9)

No seu ensaio intitulado *Memórias do Modernismo* (1996), ele faz uma análise do papel da memória dentro da cultura pós-moderna como um grande sintoma cultural nas sociedades ocidentais. Partindo do objetivo de mostrar o pós-modernismo como uma nova perspectiva situada além do modernismo, o autor se depara com a fluidez cada vez maior das fronteiras entre a alta arte e a cultura de massa acompanhada pelas grandes mudanças históricas do fim do século. É gerado então um sentimento de crise e a memória entra em cena como um componente dessa sensação. O olhar retrospectivo frequente nesse contexto significa, entre outras possibilidades, uma tentativa de entendimento do presente para até mesmo projetar o futuro. Na virada do século, a necessidade de reafirmar as esperanças para um novo tempo torna-se maior, mesmo não sendo estas esperanças as melhores, já que tantas catástrofes marcaram o mundo no fim desse período.

Essa mesclagem do tempo é tratada mais especificamente em outra obra de Huyssen, *Seduzidos pela Memória* (2000). Nesta, o autor revela que no fim do século *[q]uanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos*



*inspira confiança, mais forte é o desejo de ir mais devagar e mais nos voltarmos para a memória em busca de conforto.* (HUYSSSEN, 2000, p. 32)

Assim, a rapidez e a instabilidade dos acontecimentos seguidas pelo sentimento de crise articulam-se à crítica de que nossa cultura está “doente de amnésia”, como denomina Huyssen. Por esse motivo, entre outros, o nosso olhar se volta para trás como uma necessidade e como tentativa de explicação para os fatos. Além disso, a memória pode ser vista como um freio perante a velocidade das modificações:

Ela (a memória) representa, isto sim, a tentativa de diminuir o ritmo do processamento de informações, de resistir à dissolução do tempo na sincronidade do arquivo, de descobrir um modo de contemplação fora do universo da simulação, da informação rápida e das redes de TV a cabo, de afirmar algum “espaço-âncora” num mundo de desnorteante e muitas vezes ameaçadora heterogeneidade, não-sincronicidade e sobrecarga de informações. (HUYSSSEN, 1996, p.18)

O papel da memória justifica o que, segundo Fausto Colombo, é chamado de “obsessão da memória”:

Como convém a um século que conheceu duas grandes catástrofes bélicas e vive o terror de um próximo e irreversível declínio, nossa era parece estar dominada pela obsessão da memória. Não foi talvez por acaso que o século XX se abriu com o desabrochar da *Recherche proustiana* (...) (COLOMBO, 1991, p. 17)

Essa obsessão pela memória se dá em resposta ao processo de amnésia social em que estamos vivendo. A condição de vida do homem em fins do século XIX e início do século XX provocou uma modificação nas estratégias de conservação da memória devido aos avanços tecnológicos. Há autores e teorias que consideram a explosão do desenvolvimento da mídia como imprescindível para o estudo da memória.

O sujeito pós-moderno tende a se tornar um sujeito amnésico. A democratização e a globalização da informação possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico nos oferecem uma memória virtual, um tipo de memória que, por permitir um fácil acesso aos seus arquivos, não necessita ser incorporada às lembranças, ou muitas vezes não passam pela nossa experiência.

Esse tipo de memória se contrapõe à memória descrita por Walter Benjamin (1993). Preocupado com as mudanças industriais que afetaram tanto a arte quanto a técnica, como por exemplo o desenvolvimento da imprensa, ele estuda as transformações ocorridas no que diz respeito ao silenciar da oralidade e à ascensão do processo da escrita na era da industrialização. As narrativas orais, transmitidas de geração para geração, confiadas apenas na memória, foram substituídas pela impressão no papel. A memória virtual a que se tem tanto acesso hoje se opõe à aquisição da “experiência” de que fala Benjamim e é constituída de formas residuais heterogêneas, ou seja, de fragmentos através dos quais é impossível construir um significado consensual.

No tempo do progresso, a pobreza de experiência associada ao excesso de informação e à falta de conteúdo tendem a levar o sujeito à alienação, à amnésia, pois conforme afirma Bosi, *é o tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória.* (BOSI, 1987, p. 344)

Partindo então do pressuposto de que a afirmação da memória no contexto contemporâneo é uma prática constante, pretendemos analisar como se dá essa busca incessante pela memória nos textos que selecionamos da coluna “Causos & Cousas”. A memória é o elemento central nas considerações do colunista Rosalvo Pinto em prol do levantamento de fatos, pessoas e costumes que marcaram e ainda marcam a história da cidade de Resende Costa.

Dois textos, que inclusive dialogam nos títulos, “Vida de menino na Resende Costa de antigamente” (outubro/novembro de 2006) e “Sexualidade de menino na Resende Costa de antigamente” (dezembro de 2007), mostram como a memória é o instrumento utilizado por Pinto para tecer suas considerações.

O texto “Vida de menino na Resende Costa de antigamente” conta um pouco da história da cidade. Neste é permitido ao leitor conhecer as descrições feitas e observar o quanto a vida era diferente há alguns anos atrás, aproximação também acentuada por se tratar de um texto caracterizado como crônica, como foi descrito no item anterior do capítulo. Segundo Rosalvo Pinto, seu objetivo é (...) *passar essa sensação aos meus leitores, contar um pouco da Vida de menino, pois a de menina, deixo para alguma menina do meu tempo contar...* (Jornal das Lajes, n. 43, outubro /novembro de 2006, p.2)

Ele consegue fazer isso com o auxílio da memória, daí os recortes propiciados por suas lembranças são frequentes no texto: *A minha primeira (calça) foi feita para o enxoval do seminário, aos 10 anos. Eu a vesti com a maior emoção, me sentia um homenzinho.* Na sua ilustração *da vida de menino na Resende Costa de antigamente*, Rosalvo Pinto descreve o modo de vestir, de calçar, de divertir e até de comportar da criançada. São descritas também as formas de diversão para a garotada da época:

Na rua brincava-se com bolinhas de gude, com tampinhas de garrafa, com fincos de ferro, com “carros-de-quatro-rodas” ou tocando arcos de lata ou de aro de pneu. (*Jornal das Lajes*, n. 43, outubro / novembro de 2006, p.2).

Além de descrever como os brinquedos eram produzidos, o colunista também situa os lugares frequentados pelas crianças daquela época: *Menino daquele tempo brincava era na rua ou nas hortas, às vezes nos “corgos” e matas da redondeza.* Mais adiante, *As três lajes da cidade eram o lugar predileto da garotada (e dos marmanjos) para “soltar estrelas ou papagaios”.* Ao discorrer sobre esses lugares, é permitido ao leitor imaginar como era a cidade por volta dos anos 40 e 50: *As pracinhas não tinham jardins, eram de chão-batido e era ali que a gente batia uma boa pelada, (...),* e ainda como era o tipo de comércio que havia na época, *(...) que a gente comprava ali no “Negócio do Zé Augusto”.* Como se percebe, as lojas eram chamadas pelo nome dos donos e com a caracterização de “negócio”. A condição de vida naquele tempo também fica caracterizada: *Pasta pra escola era um embornal de pano, com alça de dependurar no ombro.* E isso é passado ao leitor através de uma linguagem simples e direta, que caracteriza as crônicas.

Dessa forma, a sensação proposta pelo colunista no início do texto remete o leitor às mudanças que ocorreram da infância dele até o momento presente do texto, mudanças estas que se tornam óbvias, já que ele descreve os anos 40 e 50 e o texto da coluna é publicado em 2006. Provocar nos leitores essa sensação de como era a vida há cinquenta anos atrás e perceber que ela era muito diferente acaba tornando-se previsível, dado que tudo isso é visto e sentido por um adulto

que recorda a sua infância. No final do texto, a autor ainda compara o menino de antigamente com o de hoje e diz:

Menino (de hoje) é dentro de casa, grudado na televisão, nos joguinhos eletrônicos. Brinquedo é comprado, de plástico. Tudo fácil, vem da China, do Paraguai, sei lá de onde, porcaria, quebra e joga fora. (*Jornal das Lajes*, n. 43, outubro /novembro de 2006, p.2)

Assim, já por estes primeiros relatos pode-se perceber um caráter conservador nas considerações feitas pelo colunista, na medida em que ele valoriza o tempo passado e desvaloriza o presente. O autor não deixa de revelar sua visão negativa das opções de lazer para as crianças de hoje. Isso se torna mais claro ainda quando ele afirma: *Hoje é tudo diferente. (...) Que pena! Melhor, que saudade da vida de menino de antigamente!*

Isso também pode ser observado no texto “Sexualidade de menino na Resende Costa de antigamente”, no qual Pinto afirma que a sexualidade hoje é vista como tabu,

(...) ou como pornografia, tratada, quase sempre, com certo escracho, diferentemente de outrora: Naquela época não havia os apelos sexuais de hoje, das propagandas, da TV, das revistas eróticas ou pornográficas, etc. Educação sexual era explícita e natural, nas ruas, nas quais viviam em harmonia com os moradores cachorros, gatos, galos, cavalos, bois e, em alguns lugares, até porcos. E, claro, sempre acompanhados de suas respectivas fêmeas. E tudo rolava ao vivo e a cores. (*Jornal das Lajes*, n. 45, dezembro/ janeiro de 2006-7, p.2)

Mais uma vez a posição nostálgica em relação ao passado é verificada e fica explícita na expressão utilizada por ele no fim do texto, assim como no texto “Vida de menino na Resende Costa de antigamente”: *É uma pena!*

Em outra crônica selecionada, já o título revela o caráter saudosista do texto: “Oh, tempos! Oh, costumes!” (agosto/setembro de 2004). Neste é relatada a primeira vez que um circo apareceu na cidade: *Um dia, lá pelo fim dos nos 40, pairava no ar alguma coisa cheirando novidade* (*Jornal das Lajes*, n. 17, agosto/ setembro de 2004, p.2). Segundo o que o colunista narra em “Sexualidade de menino na Resende Costa de antigamente”, este era um dos eventos mais esperados pelos meninos de então: *ocasião esperada pelos meninos era a do*

*aparecimento dos circos, coisa mais freqüente antigamente*, embora no texto “Oh, tempos! Oh, costumes!” fique revelado, através do uso da expressão mesmo assim, que não era tão frequente assim: *diversão, no máximo, um circo, mesmo assim...*

Ao longo deste texto, o autor usa de sua memória individual para registrar aquele fato histórico para a cidade. Ele narra o primeiro espetáculo circense a ser assistido: *Ninguém tirava o olho da cortina grande e colorida que escondia os sonhos e os desejos de dias de expectativa*. Porém, perante a rigorosidade dos costumes do povo da cidade, numa época em que muitas coisas eram proibidas, o corpo semi – descoberto de uma trapezista foi encarado como um ataque ao pudor para as autoridades presentes. *O cortejo recuou e fechou-se a cortina do picadeiro. Para sempre. Era uma vez um circo e uma noite de muitos sonhos*. Através desse panorama descrito, percebem-se os costumes da época e o comportamento do povo da cidade, que logo obedeceu às ordens tidas como superiores e esvaziou o local.

Também para fechar o texto, Pinto exalta os tempos passados, o que nos remete ao título do texto: *Eh, como diria o velho Cícero, da tribuna do senado do império romano: “o tempora, o mores!”*.

Dessa forma, mesmo lidando com a memória, já que fica clara a ligação do presente com o passado e o papel mediador da memória para essa interação nos textos anteriores, a postura assumida pelo colunista é diferente daquela normalmente assumida no contexto atual ao lidar-se com a memória.

Segundo as teorias de memória, a partir da busca feita em relação a fatos passados, pode-se fazer uma diferenciação do presente, ou seja, encará-lo de um modo diferente. Mesmo sugerindo ao leitor que é preciso repensar nas escolhas de lazer para as crianças, como é mostrado no texto “Vida de menino na Resende Costa de antigamente”, ou encarar o sexo com mais naturalidade, em “Sexualidade de menino na Resende Costa de antigamente”, Rosalvo Pinto mostra-se muito preso às ideias do passado, idolatrando esse período e confrontando-o com as diferenças do presente, ao invés de refletir sobre o porquê delas. O que vemos é uma revisitação nostálgica do passado e, vistas dessa

forma, as narrativas selecionadas do colunista apresentam-se aprisionadas no tempo que já passou, o que não deixa de ser uma visão de hoje do autor.

Ainda segundo as teorias que versam sobre a questão da memória, é possível relacionar o pós-modernismo com o processo memorialístico tendo como ênfase a ressignificação do passado operada pela memória. Não é à toa que o tempo do pós-modernismo é o tempo da memória. Com o tempo da memória não se entende o tempo passado, mas sim o ponto de encontro entre presente, passado e futuro. Recorrer à memória envolve revisitar o passado com os olhos do presente como modo de construir um futuro. E esta não é a postura adotada pelo colunista em seus textos analisados. Ele apenas revisita o passado como forma de valorizá-lo, o que estaria em desacordo com as propostas pós-modernas que, como afirma Connor (1996), tendem a buscar trabalhos considerados livres de valor.

Sobre essa re-visitação do passado como tendência do pós-modernismo, Linda Hutcheon (1991) afirma que não se trata de um retorno nostálgico, é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade. Essa posição sustenta a produção de textos na “metaficção” pós-moderna que, voltando para si mesmos e para sua própria construção, questionam e sugerem a ficcionalidade da realidade.

A posição do cronista Rosalvo Pinto de idolatrar o passado, confrontando-o com o presente, dando a este um caráter de inferioridade, como mostrado nos textos anteriores, permite associá-lo ao conceito de estrangeiro, pois é como se assim ele se sentisse, estrangeiro em meio ao contexto em que ele vive, sentindo a angústia de viver um tempo diferente.

Julia Kristeva, em seu artigo *Tocata e fuga para o estrangeiro* (1994) aborda esse assunto para falar da mudança de paradigma que o conceito da palavra estrangeiro sofreu na contemporaneidade. A classificação do estrangeiro não corresponde só ao fato de ser ele um indivíduo fora da sua terra natal, ela vai muito além. O estrangeiro pode ser até mesmo aquele ser oculto que habita dentro de nós mesmos, a nossa outra metade, a nossa parte individual que muitas vezes se manifesta e não é compreendida. Ser estrangeiro não significa

apenas ser o elemento estranho de um grupo, mas também ser a parte oculta e estranha de nossa própria identidade.

A existência do estrangeiro nos leva a pensar sobre a capacidade de aceitarmos novas formas de alteridade. A presença do outro se torna cada vez mais uma constante na literatura. Como é possível se julgar um homem moderno sem compreender essa questão? Como defender a diferença sem reconhecer o estrangeiro? Para conseguir essas respostas, é necessária uma reflexão acerca desse indivíduo, o qual, segundo Kristeva, significa:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória emergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião pleno de ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um *sursis*, de ter escapado. (KRISTEVA, 1994, p. 15)

Dessa forma, o estrangeiro fornece-nos uma problemática paradoxal, pois ele situa-se entre o ser e o não ser. Revela ao mesmo tempo o desenraizamento de vínculos e comunidades estabelecidas e a sensação de intruso, por transitar em terrenos desconhecidos. É como se fosse “escravo e senhor” ao mesmo tempo. As suas raízes são provisórias, já que ele não pertence a lugar algum. O seu caráter é de transitoriedade, devido ao fato de não se afirmar em nenhum espaço.

Dessas condições, vêm as suas características: vive uma felicidade falsa, que “se queima”, revelando o bem-estar, de se localizar numa pátria que não é a sua e que, por algum motivo, o reprime, e a sensação de fugitivo, por não ser aceito como um membro ativo da nova morada. Daí, ser alguém que não tem voz, ser elemento neutro, não afirmar nada, não renunciar a nada, não estar de acordo. Um sujeito melancólico, nostálgico, rejeitado, de “origens sombrias”, tratado de forma indiferente, de comportamento incomum e julgado como um incômodo.

Como resultado do tratamento recebido, o estrangeiro sente-se separado dos outros e de si mesmo, o que acarreta no seu afastamento, escondendo-se dentro de si. A sensação de liberdade que ele tem significa na verdade a solidão.

Ele se pensa livre de fronteiras, mas não o é, pois as condições oferecidas prendem-no por toda parte. A sua estabilidade é sempre ameaçada pelo passado, que sempre vem à tona trazendo lembranças de um espaço perdido. A sua saída é, então, muitas vezes, afirmar-se no trabalho e pelo trabalho. Desempenhar uma tarefa faz com que este ser exilado sinta o teor de sucesso e de auto-afirmação, entretanto ele nunca desempenha uma função social, já que, como menciona Kristeva, nem a carteira de trabalho ele pode ter.

### **2.3 As faces da cultura**

A posição tomada pelo colunista Rosalvo Pinto ao lidar no campo da memória pode ser baseada na forma como ele vê a cultura, elemento central no contexto contemporâneo, através do texto “Resende Costa e sua cultura” (setembro de 2007).

A cultura hoje é um dos elementos mais questionados no contexto contemporâneo, assim como foi abordado no capítulo 1, na descrição das relações culturais na pós-modernidade. Isso se deve ao fato de ser um termo que tem passado por diversas transformações ao longo da história. O olhar sobre a cultura de um povo representa a forma de enxergar as pessoas. Assim sendo, a partir da concepção de Rosalvo Pinto sobre o termo cultura, talvez possamos entender a forma como ele escreve seus textos e até mesmo a forma de lidar com a memória. Portanto, vamos ao texto.

Em “Resende Costa e sua cultura”, Pinto convida o leitor a trocar os “causos” de sempre por um “papo cabeça” e parte para uma explicação do termo cultura. Ele atribui ao termo dois sentidos: no primeiro, cultura (...) *é o conjunto de crenças, costumes, ritos, organização social, hábitos alimentares e de se vestir e outros traços (...)* (Jornal das Lajes, n. 53, setembro de 2007, p.2). No outro sentido, tido pelo comunista como sendo mais restrito, (...) *cultura significa um conjunto de manifestações simbólicas (acesso aos conhecimentos do mundo e do ser humano, atividades artísticas etc.) que uma pessoa ou mesmo uma cidade adquire e pratica.* Segundo esse sentido, caracterizar alguém como culto é



(...) dizer que essa pessoa tem conhecimentos variados sobre ciência, tecnologia, educação, religião, política, esporte etc. e pratica (ou freqüenta) atividades artísticas: música (clássica, popular, folclórica), artes plásticas (pintura, escultura, artesanato etc.), teatro, cinema e ... por aí vai. (*Jornal das Lajes*, n. 53, setembro de 2007, p.2)

Em seguida, o colunista parte para suas considerações. Quanto ao primeiro sentido, Resende Costa tem cultura: (...) *a cultura de Resende Costa, a mineira e a brasileira*. Mas, quanto ao segundo termo, (...) *infelizmente, estamos ainda muito carentes de cultura nesse sentido. Carência de produtos culturais e, sobretudo, de ações e de agências de formação cultural*. Mais adiante Pinto diz:

Não temos, por exemplo, escolas de música, de artes plásticas, grupos de teatro em atividade, orquestra, corais, livrarias, cinema etc. É sintomático que, salvo engano, não exista nem um piano na cidade. (*Jornal das Lajes*, n. 53, setembro de 2007, p.2)

Partindo do pressuposto de que é comum dizer que uma pessoa não possui cultura quando ela não tem contato com a leitura, artes, história, música etc, chega-se ao senso comum de que cultura possui um sentido de erudição, adquirida por meio de vários mecanismos, principalmente do estudo. Porém, essa é uma definição arbitrária e equivocada a respeito do que realmente significa cultura, de acordo com os parâmetros dos estudos culturais. Não podemos dizer que um índio que não tem contato com livros e músicas clássicas, por exemplo, não possui cultura. E seus costumes, suas tradições e sua língua?

O conceito de cultura é bastante complexo. Retomando as idéias de Hall (2003), a cultura não pode mais ser compreendida apenas como prática, ou como um conjunto de costumes ou de um modo de vida, e sim como a soma do inter-relacionamento de todas as práticas e padrões sociais vividos. É uma rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca o indivíduo e conseqüentemente a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores, costumes, leis, moral, línguas etc., que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística.

Nesse sentido, podemos alegar que é impossível que um indivíduo não tenha cultura ou que uma sociedade seja carente de cultura, como Rosalvo Pinto supõe que a cidade seja em “Resende Costa e sua cultura”. Para finalizar o texto,

Pinto ressalta a importância de construir uma comunidade que seja culta e afirma que: *Há quem diga que uma cidade sem história é uma cidade sem alma. Eu arriscaria acrescentar: uma comunidade sem cultura é também uma comunidade sem sensibilidade, sem alma.* A partir dessas palavras, podemos concluir que a cidade aos olhos do colunista seja mesmo sem cultura.

Ao falar sobre as tentativas de criação de entidades culturais que não deram certo, Pinto diz:

(...) é difícil vencer a inércia da cidade neste aspecto. Esbarra-se no comodismo, na falta de interesse e no desconhecimento da importância de atividades culturais. (...) Por falta de educação para ações culturais de valor, nossos jovens passam a consumir apenas música eletrônica, importada (por vezes mais barulho do que música) e produtos enlatados de gosto duvidoso, o que é uma pena. (*Jornal das Lajes*, n. 53, setembro de 2007, p.2)

Ao lamentar as preferências dos jovens, Rosalvo Pinto também desconsidera a cultura de consumo pós-moderna. Vivemos numa época em que o consumo reduz o indivíduo à condição de consumidor como consequência da automatização do sistema de produção, obtida pela padronização dos bens materiais. Isso cria um sistema global que molda as relações dos indivíduos na contemporaneidade, o que justificaria os gostos e atitudes dos jovens.

Ao falar sobre o artesanato, principal fonte de renda da cidade, e revelar sua opinião, Rosalvo Pinto é novamente incoerente com as práticas sociais atuais:

A produção artesanal artística local vai cedendo espaço para a compra e revenda de produtos industrializados, vindos de fora. Tornou-se meio de sobrevivência, o que em si não é um mal, mas vai perdendo sua originalidade cultural. (*Jornal das Lajes*, n. 53, setembro de 2007, p.2)

Isso é mais uma das consequências da sociedade de consumo que obriga ao mercado apresentar um grande número de bens e variedades para satisfazer o desejo dos consumidores e, se cultura corresponde à maneira pela qual os humanos vivem por meio de diversas práticas, comercializar produtos que não sejam produzidos em Resende Costa não significa perder a originalidade cultural da cidade.

Esse valor equivocado dado à cultura na posição de Rosalvo Pinto, nas considerações anteriores, pode ser usado para justificar o tema de outros dois textos, “Bons tempos do teatro e do cinema em Resende Costa I” (maio de 2008) e “Teatro em Resende Costa 2” (agosto de 2008). Em ambos os textos, o colunista valoriza o teatro e lamenta que não tenha mais grupos teatrais em atuação na cidade. No primeiro texto, ele diz: *[q]ue pena que o teatro e o cinema literalmente desapareceram de nossa cidade (Jornal das Lajes, n. 61, maio de 2008, p.2)* e no segundo, *[q]ue pena que o teatro fechou a cortina e desapareceu de cena em nossa terra! (Jornal das Lajes, n. 64, agosto de 2008, p.2)*. Para ele,

*O teatro é uma forma de expressão simbólica importante na sociedade humana. (...) Além de simbólica, é uma forma rica de expressão artística. Através do teatro “representam-se” a vida, os costumes, os problemas, as alegrias e as angústias dos seres humanos. (Jornal das Lajes, n. 61, maio de 2008, p.2).*

Como se vê, essa definição é coerente com o fato da cidade ser *carente de cultura*, já que *[n]ão temos, por exemplo (...), grupos de teatro em atividade, (...)*.

Dessa forma, pode-se justificar o fato de Rosalvo Pinto idolatrar o passado, já que lá existiam grupos de teatro, e lamentar as diferenças do presente, como vimos nos textos “Vida de menino na Resende Costa de antigamente”, “Sexualidade de menino na Resende Costa de antigamente” e “Oh, tempos! Oh, costumes!”.

A concepção tão fechada do termo cultura, desconsiderando as múltiplas faces que a palavra tem, faz com que o cronista de “Causos & Cousas” julgue a cidade “pobre de cultura” nos tempos recentes, diferentemente de outrora, como é mostrado nos textos “Bons tempos do teatro e do cinema em Resende Costa I” e “Teatro em Resende Costa 2”, em que a cidade tinha para ele ricas manifestações culturais.

Assim, mais uma vez o passado é idolatrado e a memória é utilizada pelo colunista, em pleno contexto contemporâneo, como uma ferramenta de revisitação nostálgica do passado, sem abrir possibilidades de ressignificação dos fatos passados ao momento do presente.

## **Capítulo 3:**

### **(Re) construindo a história de Resende Costa a partir da coluna “Causos & Cousas”**

#### **3.1 A relação entre a memória e a história**

A partir dos textos da coluna “Causos & Cousas” que selecionamos, podemos analisar outro elemento importante para a nossa pesquisa: a história. As crônicas permitem acesso à história da cidade através da descrição das memórias de Rosalvo Pinto, evidenciando uma intensa relação entre a memória e a história. Podemos dizer que Pinto traz à tona, pelo viés da memória, versões pessoais de fatos que marcaram a história da cidade em determinados períodos, embora isso não seja reconhecido por ele no texto que segue.

Em “Resende Costa e sua história” (julho/agosto de 2006), Rosalvo Pinto parte de reflexões do momento presente para buscar no passado subsídios para o assunto. Segundo ele,

Gostamos tanto da cidade e falamos tanto dela, mas a verdade é que uma boa e sólida história de Resende Costa ainda está por ser feita. Enquanto ela não aparece, como é bom e gostoso ver essa moçada nova da cidade se interessando, pesquisando e escrevendo sobre nossos costumes, nossas tradições, pedaços iluminados de nossa história. Basta folhear as 39 edições passadas deste jornal, para se avaliar a riqueza de pesquisas e informações já acumuladas. (*Jornal das Lajes*, n. 40, julho /agosto de 2006, p.2)

Partindo desse comentário, torna-se possível perceber que, para Rosalvo Pinto, a história, assim como o termo cultura analisado anteriormente, tem um caráter tradicional, voltada para grandes acontecimentos, que desconsidera a presença do indivíduo como elemento central nos acontecimentos humanos, ou seja, não corresponde à mudança de perspectiva no campo da história nos

últimos anos, já que *uma boa e sólida história de Resende Costa ainda está por ser feita*.

Valendo-se da memória como objeto, a historiografia, principalmente a partir da década de 20 com a Escola dos Annales na França, adota um novo conceito de história que se aproxima cada vez mais da memória, o que prega uma renovação no pensamento histórico e social da nossa realidade. Não se trata mais de uma história fixa e linear, como parece ser a concepção adotada pelo colunista de “Causos & Cousas”, mas de uma história descontínua, fragmentada e constituída por vazios a serem preenchidos. A essa nova forma de lidar com a história deu-se o nome de Nova História.

A Nova História opõe-se a uma concepção objetiva dos acontecimentos e dos documentos oficiais, problematizando a questão da busca por verdade totalizante. Enquanto a história oficial se ocupa dos grandes acontecimentos, contada a partir do ponto de vista dos vencedores, a Nova História se ocupa do cotidiano de todos os homens. De acordo com LeGoff (1983), a História Nova é

História econômica, demográfica, história das técnicas e dos costumes, não apenas história política, militar e diplomática. História dos homens, de todos os homens, não unicamente dos reis e dos grandes. História das estruturas, não apenas dos acontecimentos. História em movimento, história das evoluções e das transformações, não história estática, história quadro. História explicativa, não história puramente narrativa, descritiva ou dogmática. (LEGOFF, 1983, p.38)

Dessa forma, se a equipe do Jornal das Lajes escreve sobre os costumes e as tradições da cidade, como o próprio colunista diz, eles estão traçando a história da cidade, relatando o cotidiano de um povo, da mesma forma que isso também é feito por Pinto em seus textos, o que leva a crer que *uma boa e sólida história de Resende Costa* já está sendo feita.

Essa transformação no campo historiográfico, que passa a valorizar o indivíduo enquanto sujeito da história, leva também a uma nova concepção de documento histórico, mais ampla na medida em que se baseia não apenas em textos e documentos escritos, mas também em narrativas orais e em documentos pessoais, tais como correspondências, manuscritos, fotografias etc. É dessa forma que os arquivos privados e as memórias pessoais passam a constituir

objetos de pesquisa do historiador, que os analisa criticamente à luz das teorias do arquivo.

Rosalvo Pinto, no texto citado, considera objeto da história um livro publicado em 1920, do até então professor e diretor do antigo Grupo Escolar na época, José Augusto de Resende, desconsiderando a nova concepção de documento histórico. O livro, encarado como documento oficial, é descrito por Rosalvo Pinto no texto e é ainda indicado como leitura indispensável a todo resendecostense: *Bem, satisfeita a curiosidade dos leitores (de conhecer os títulos dos capítulos), faço votos de que essa curiosidade os instigue a ler todo o livrinho*. Curiosidade suposta por ele mesmo, é claro. Ao considerar o livro como documento histórico da cidade, o colunista ainda o considera o único relato da história do local: *Vou lembrar aqui apenas um nome, lá do longínquo 1920. Nem era resende-costense (ou “resendino”, como ele dizia). Mas, talvez, terá dado a primeira (e única) modesta, mas grande contribuição*. Dessa forma, Rosalvo Pinto adota o ponto de vista objetivo da história.

Dentro dessa concepção de história, os fatos fariam por si mesmos e os documentos seriam a fonte da verdade. Assim, a história assume o caráter de ciência pura: é formada pelos fatos cronológicos e o que realmente significam em si. Daí a necessidade, como pregavam, de se utilizar na pesquisa e análise o máximo de documentos possíveis para se obter a totalidade sobre os fatos e não deixar nenhuma margem de dúvida no que se refere à sua compreensão, considerando apenas os documentos oficiais.

Essa forma de se estudar a história predominou até quando a emergente Escola dos Annales trouxe uma renovação no pensamento histórico e social da nossa realidade e uma nova concepção do documento e de como lidar com ele.

O historiador Jacques LeGoff (1996), no capítulo intitulado *Documento/monumento* em seu livro *História e Memória*, discorre sobre a subjetividade e a intencionalidade que os documentos carregam. Fazendo um panorama da concepção dos materiais da história, o documento e o monumento, LeGoff aponta que, de acordo com a história tradicional, o primeiro estaria ligado à objetividade e ao significado de prova, enquanto o segundo seria construído intencionalmente, com um objetivo específico. Porém, as novas concepções e teorias

historiográficas que culminaram no desenvolvimento da História Nova fizeram a crítica de uma história positivista, questionando a autenticidade e objetividade do documento e chegando à ideia de que todo documento é monumento. Isso porque o documento não é um simples arquivamento do passado e sim um objeto de escolha de uma sociedade que o produziu segundo suas relações sociais de poder e sua história. Somente a análise do documento enquanto monumento é que vai permitir ao pesquisador utilizar a memória coletiva cientificamente. Todo monumento é construído intencionalmente e, como tal, serve a algum propósito. Porém, este pode ser destruído, a partir do momento em que não se vê mais razão para ele.

Essa nova concepção de documento não é a adotada pelo colunista Rosalvo Pinto no texto “Resende Costa e sua história”. Embora ele comente que o livro do professor José Augusto foi obtido *[r]ecolhendo informações da tradição oral e baseando-se, principalmente, nas informações por ele solicitadas ao Cel. Francisco Gonçalves Pinto, (...)*, Rosalvo Pinto não consegue enxergar o documento como objeto de uma escolha pessoal, o que nos faz questionar a sua autenticidade.

Essa passagem reitera o caráter provisório e intencional dos monumentos, característica essa que LeGoff (1996) atribui também aos documentos que, sendo também construídos, não contam o que aconteceu, mas o que se pensou que aconteceu ou que se queria que os outros pensassem.

É nesse contexto que a história passa por um processo de reinvenção. A racionalidade moderna tenta desconstruir o sistema fixo, o caráter de verdade que a história tradicional construiu, e toma-se consciência de que não existe uma verdade única e simples a respeito do passado, mas sim formas diferentes de representação desse passado que constituem os fragmentos do tecido da narrativa histórica.

Benjamim (1993), em seu texto *Sobre o conceito da história*, usa a imagem de um autômato para se referir à história como um objeto de construção. Nesse autômato, tem-se um fantoche sentado diante de um tabuleiro de xadrez, cuja mão é conduzida por um anão mestre no jogo escondido debaixo da mesa. Apesar de se ter a impressão de se ter acesso a todas as extremidades dessa

mesa, através de um jogo de espelhos, na verdade o que se tem é uma ilusão, já que os movimentos do fantoche são todos determinados pelo anão. Assim também seria com a história oficial, na qual o que se tem é apenas uma ilusão da verdade. Benjamim afirma que *nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie*. (BENJAMIM, 1993, p.225) Logo, a história oficial é resultado dessa barbárie que, contada a partir do ponto de vista daqueles que exercem o poder, constitui, de acordo com Bosi, a *vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos* (BOSI, 1987, p. XIX).

Reconhecer a história como um objeto que é construído abre a possibilidade de trabalho com a memória sob um ponto de vista cultural, examinando como se dão as relações de poder que atuam na sua constituição, determinando o que será ou não transmitido sobre passado ao longo dos tempos. Dessa forma, a memória constitui-se como instrumento e objeto de poder e seu espaço, como um espaço de luta política, em que memórias concorrentes lutam pelo desejo de serem reconhecidas e de intervirem na história.

Valendo-se da memória para perceber como a história é (re) construída, vamos analisar parte da história da cidade mostrada em alguns dos textos que selecionamos para mostrar que, diferentemente do que Rosalvo Pinto pensa, ele próprio está fazendo história. Utilizaremos os textos que nos permitem levantar a história da religiosidade da cidade, dentre tantas outras possíveis.

Na crônica em que Pinto conta como surgiu o carnaval em Resende Costa, “Uma vela a Deus, outra ao diabo...” (novembro de 2003), ele revela que a influência religiosa da cidade foi exercida principalmente pela igreja católica. Segundo este texto, a chegada do carnaval foi caracterizada como *[c]oisa do demônio, como pregava na época a Igreja Católica, a única da cidade (Jornal das Lajes, n. 8, novembro de 2003, p.2)*. O carnaval é metaforizado como o demônio, e o autor diz que (...) *em 1951 o diabo em pessoa chegou à pacata cidade*. Com essa descrição, percebe-se que a cidade correspondia ao estereótipo de cidade pequena do interior, parada, sem muitos acontecimentos que não fossem ligados à igreja, “pacata”, com a religiosidade acima de tudo e a dicotomia bem versus mal, representada no título do texto. Isso pode ser confirmado na crônica “Oh, tempos! Oh, costumes!”, já analisada, *Cidade pequena e pacata. Tranqüila, sua*



*vida girava em torno da igreja: festas, irmandades, costumes rigorosos, a própria política (Jornal das Lajes, n. 17, agosto/ setembro de 2004, p.2).*

Porém, essa caracterização da cidade nos dois textos anteriores não influencia a idolatria que o autor faz do lugar. Ser uma cidade parada, “pacata”, faz de Resende Costa, segundo o colunista, um ótimo lugar para se viver, pois é sinônimo da tranquilidade.

Mais adiante, para descrever a chegada do carnaval, Rosalvo Pinto vai contrapondo essa festa à Semana Santa, que vem no calendário cristão logo em seguida. Ao longo do texto, ele traça o perfil do comportamento das pessoas durante o carnaval e depois na preparação inicial para a Semana Santa, na quarta-feira de cinzas:

Nos anos seguintes tornou-se comum ver os seus súditos mais animados, na madrugada da quarta-feira de cinzas, sair suados da rua, tomar seu banho e aparecer na igreja ajoelhados, piedosos e compungidos, para receber na testa a cruz de cinzas. (*Jornal das Lajes*, n. 8, novembro de 2003, p.2)

Já por estes primeiros relatos, pode-se registrar o caráter social da memória. Ao descrever o aparecimento do carnaval em Resende Costa, Rosalvo Pinto revela aos leitores um panorama da cidade naquela época e o comportamento das pessoas. Na primeira frase desse texto, por exemplo, ficam evidentes os meios de comunicação naquele tempo: *Até 1951, RC só tinha notícias do carnaval pelo rádio e por raros jornais.*

O sociólogo Halbwachs foi o primeiro teórico a considerar a memória como fenômeno social. Partindo dos estudos de Bergson, ele se debruça sobre os quadros sociais da memória pressupondo a formação da memória coletiva de cada sociedade a partir da memória individual relacionada à memória de um grupo.

Isso também pode ser comprovado em alguns textos de Éclea Bosi, *Memória e Sociedade* (1987) e *A substância social da memória* (2003). A autora também parte das considerações feitas por Bergson e faz um estudo sobre o papel da memória a partir de entrevistas com alguns velhos que, oriundos de realidades diferentes, convivem juntos em asilos de São Paulo. Através da

memória, são descritos os espaços e as características da cidade, numa determinada época, que possibilita resgatar a história paulistana. A escolha pelas lembranças das pessoas idosas justifica-se, segundo a autora, pelo fato de que essas pessoas relatam *uma história social mais bem desenvolvida* (BOSI, 1987, p.60). Sobrevivendo num mundo voltado para o futuro, cheio de inovações tecnológicas, sem atividades constantes, com uma experiência de muitos anos de vida, não restam aos velhos muitas alternativas que não estejam ligadas ao ato de lembrar o tempo passado. Por isso, a função social da memória dos idosos é unir o passado e presente através do conhecimento do que foi vivido. Diferentemente de nós que somos desobrigados a guardar tudo na memória, já que o computador se encarrega disso, os velhos desempenham o papel de contar suas experiências até mesmo como forma de sobrevivência. Assim, a partir das histórias de vida colhidas por meio das entrevistas, têm-se histórias sociais individuais que foram apresentadas em função do contexto no qual foram relatadas.

Voltando à questão da religiosidade presente na história da cidade de Resende Costa, é possível buscar em outro texto, “Resende Costa, sua religião, sua fé” (março de 2007), o caráter religioso do povo da cidade. Neste, o colunista traça uma análise histórica para tentar explicar as origens da influência católica. Segundo ele, (...) *para entender essa história é preciso conhecer outras histórias bem maiores, como a da colonização do Brasil e a da cristianização do ocidente.* (Jornal das Lajes, n. 47, março de 2007, p.2) Como um típico contador de causos, ele parte para a narração do momento em que os portugueses chegaram aqui no Brasil, revelando aos leitores uma pitadinha de história do Brasil, ligando-a à história da cidade: *Assim, logo apareceram por aqui os símbolos maiores dessa religião: a cruz (os cruzeiros), a igreja (capelas) e o sacerdote.* Rosalvo Pinto pega carona nessa ideia e relata sobre os padres que passaram pela cidade: *[e]ssa igreja, templo, foi mudando, outras formas aparecendo e muitos padres passaram pela paróquia, com as mais variadas histórias.* Em seguida, ele registra mais um causo:

Entre outras (histórias), conta-se que um deles, o Pe. José Duque, teria sido expulso daqui pelo povo. Montado em seu cavalo, teria virado pra

trás e rogado uma praga: essa cidade vai dar sempre um passo pra frente e dois pra trás. (*Jornal das Lajes*, n. 47, março de 2007, p.2)

Neste trecho é possível perceber a memória individual apoiando-se na coletiva. A princípio, a propriedade de conservar certas informações é vista como estritamente individual, cabendo a cada ser humano a possibilidade de atualizar o que foi guardado para si. Porém, o indivíduo está inserido num contexto social e sua memória depende do seu relacionamento com esse meio, que se dá através de várias instituições, tais como família, escola, igreja, trabalho, partido político, etc. Graças às diferentes formas de socialização é que podemos resgatar as experiências vividas e conhecer realidades distintas. Desse modo, o ato de lembrar, mesmo dispondo de um mecanismo individual, carrega uma expressividade coletiva que atribui à memória mais uma vez sua função social. Segundo Halbwachs,

(...) nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. (...) (HALBWACHS, 2006, p.30)

Ao refazer histórias de vida com o auxílio da memória teríamos uma reconstrução da identidade e não apenas relatos de fatos. O resgate da memória e do passado agem no indivíduo provocando uma revisão de seu processo de identificação. Um sujeito sem memória é um sujeito sem passado, sem história e conseqüentemente, sem identidade. É nessa busca constante pela identidade em meio a toda efemeridade do contexto contemporâneo que a memória age como um freio, possibilitando ao sujeito parar e não apenas recordar, mas também refletir o tempo passado.

Rosalvo Pinto não só descreve fatos, mas possibilita ao leitor (re) construir parte da história de Resende Costa. Ao revelar suas experiências, ele faz uma ponte com os acontecimentos que as marcaram. Daí, o trabalho de reconstrução que o próprio indivíduo faz tende a definir seu lugar social e sua relação com os outros. *O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo.* (POLLAK, 1989, p.10)

Isso auxilia a evidenciar como a memória individual relaciona-se com a memória coletiva. Nós somos as próprias testemunhas de nosso conjunto de lembranças e podemos reconstruí-las e apoiá-las na lembrança dos outros. Muitas vezes evocamos nossas lembranças devido ao convívio com um grupo, que funciona como um suporte de sustentação para a nossa memória. Porém, quem recorda é o indivíduo, e a memória coletiva, mesmo sendo tão importante para o sujeito, não apaga a lembrança individual. Poderíamos então afirmar que a memória individual é um ponto de vista sobre a coletiva e a memória coletiva envolve um conjunto de memórias individuais. O mesmo fato compartilhado por um grupo pode ser observado e sentido de maneiras diferentes pelos seus membros, o que explicita que a unidade do pensamento coletivo não é fácil. Portanto, o grupo é o suporte para a nossa memória se nos identificamos com ele.

Além disso, há uma interação entre o vivido e o transmitido, que se aplica a toda forma de memória, seja individual ou coletiva. Para estudar como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas é necessário tomar como ponto de partida as memórias individuais, o que, em alguns casos, é uma tarefa difícil, por envolver um trabalho psicológico do indivíduo que sofre as contradições entre suas lembranças pessoais e a imagem oficial do passado.

Contudo, mesmo no nível individual, o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida, pois tentar desvincular o ser humano das situações sociais é difícil ou quase impossível. A memória coletiva entretanto é muito importante para a evolução de uma sociedade, como é mostrado no texto de LeGoff (1996), que relata o papel da memória na sociedade do fim do século XX:

Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LEGOFF, 1996, p. 476)

Voltando ao texto que descreve o surgimento do carnaval, Rosalvo Pinto, a partir do segundo parágrafo do texto, homenageia uma foliona, Darci Maria Aparecida de Melo, *[u]ma carnavalesca, (...), marcou desde cedo e desde menina*

*os carnavais de RC. Falar da história dos nossos carnavais sem falar dela é uma injustiça. Através da narrativa do passado, torna-se possível saber quem foi esta mulher e a importância dela para o carnaval, já que, segundo o texto, foi a primeira da cidade a desfilar num carro alegórico com as vestes típicas de carnaval. O texto de Pinto ressalta não só a sua participação na festa profana, mas também na festa santa, ao descrevê-la nas vestes da mulher de Pilatos nas cerimônias religiosas da paixão de Cristo.*

Ao longo do texto “Uma vela a Deus, outra ao diabo...”, personagens vivos da história resendecostense vão sendo evocados para comprovar o que é descrito: *[q]ue o diga o saudoso Sô Jesus Barbeiro, que por muitos anos organizava o desfile dos blocos carnavalescos.*

No outro texto que, dentre os selecionados, também fala sobre carnaval, mas sem relacioná-lo ao caráter religioso da cidade, “Pingaril” (junho/julho de 2005), Rosalvo Pinto conta como era o domingo de carnaval na cidade: *Por muitos anos o domingo de carnaval de Resende Costa começava com o Pingaril, (Jornal das Lajes, n. 27, junho/ julho de 2005, p.2), termo este explicado anteriormente no texto como sendo utilizado para empregar a união das palavras pinga, futebol e carnaval, o que o autor consegue explicar depois de um convite ao leitor:*

Mas, para entender o sentido do Pingaril é preciso antes filosofar um pouquinho. Dizem por aí que a identidade do Brasil está irremediavelmente associada a cinco coisas: carnaval, samba, futebol, pinga e mulher (sobretudo a mulata). (*Jornal das Lajes, n. 27, junho/julho de 2005, p.2*)

Assim, ele passa à descrição do que se fazia no domingo de carnaval daquela época, um jogo de futebol misturado com ‘comes e bebes’: *Havia uma cuidadosa preparação: convocar os “pingaristas”, arrumar as camisas, os calções, a bola, a pinga, a lingüiça, a carne moída e o pão.* Assim como em outros textos, o colunista não se baseia somente na sua própria memória, ele é envolvido pela memória dos outros: *Conta o Edgar que num desses Pingaril, o João do Góes, a certa altura da pelada, gritou para o juiz: “Pára, pára o jogo! Vamos beber, cambada!* Mais uma vez é evidenciada a relação da memória individual com a coletiva, dado que Pinto apoia-se na memória de João do Góes.

As contradições das lembranças pessoais com o que de fato aconteceu no passado podem ser sentidas nos textos que selecionamos de Rosalvo Pinto. O autor entra em contradição ao dizer no texto “Uma vela a Deus, outra ao diabo...” que em 1951 a igreja católica era a única da cidade, período em que ele registra o primeiro carnaval. Percebemos que no texto “Resende Costa, sua religião, sua fé”, ele menciona que a Igreja Congregação Cristã surgiu em Resende Costa em 1944: *Isso aconteceu em 1944. Até fins da década de 40 pode-se dizer que havia na cidade uma única religião: a da Igreja Católica. (Jornal das Lajes, n. 47, março de 2007, p.2)*. Dessa forma, a confusão entre as datas nos permite perceber que a memória não registra um fato histórico absoluto.

Lembrar não significa reviver o que foi passado, pois é impossível reviver o passado tal qual ele aconteceu. Segundo Ecléa Bosi (1987), recorrer à memória não é ressuscitar o passado como ele realmente foi. A lembrança é um ato que envolve uma reconstrução das imagens do passado dentro de um momento do presente. É refazer as experiências vividas com as ideias de hoje. O passado não está simplesmente guardado na memória. Ele precisa ser articulado, voluntária ou involuntariamente, para se transformar em memória. E isso só é possível num momento do presente. Por mais nítida que seja a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma coisa do fato vivido, até porque a nossa percepção mudou e aparece determinada pelo presente. Assim, os acontecimentos são vistos por outro ângulo que pode causar modificações na projeção do futuro.

Ecléa Bosi diferencia a memória-sonho, em que as lembranças latentes vêm à tona de forma inconsciente, da memória-trabalho, que age sobre o passado, permitindo ser re-pensado com as ideias do presente. Conforme ela afirma,

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1987, p.55)

Vista como trabalho, a memória a que Ecléa Bosi se refere opera, não através da repetição do passado, mas sim através da seleção de fatos significantes. Não é todo o passado que vai formar o escopo da memória. Na memória fica o que significa. Conforme Bosi afirma, *a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento* (BOSI, 1987, p.3).

Sobre a narração, a autora afirma ser esta *uma força artesanal de comunicação. Ela não visa transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa.* (op.cit., p.46) Logo, toda e qualquer narrativa se faz, em certa medida, ficcionalmente. Como qualquer tipo de narração, a memória também constitui-se como uma forma de ficção, haja vista as diferentes narrativas de memória que se pode obter de um mesmo fato, até mesmo quando se trata de autobiografias, narrativas de memória em que se espera um discurso verídico e uma correspondência entre a verdade (no caso, a vida do autor) e a obra. Conforme Miranda (1992) argumenta, a autobiografia representa um “discurso literariamente intencionado” e, portanto, ficcional. Construída com um propósito e a partir de um ponto de vista, nega qualquer relação especular com a realidade.

Conforme se pode observar, a narrativa de memória se constitui como uma narrativa ficcional que é inventada e narrada a partir de um ponto de vista. Isso é o que permite que se tenham diversas e distintas narrativas de memória de um mesmo fato.

A forma de se conceber a memória como narrativa e ficção permitiu também que na pós-modernidade se repensasse a constituição dos locais da memória, os chamados arquivos, sejam estes públicos ou privados. Jacques Derrida (2001) inicia seu livro *Mal de Arquivo* buscando a origem da palavra arquivo que, segundo ele, é um conceito que vem da memória do nome “Arkhê”, palavra que designava o começo ou o comando. A palavra designava a residência dos magistrados superiores que detinham o poder político e que, portanto, eram os guardiões dos documentos oficiais e tinham o poder de interpretar os arquivos.

Vivemos numa época em que tendemos a arquivar quase tudo em nossa vida, por medo do esquecimento. Experimentamos inclusive o desejo de tornar o presente em passado e vice-versa, e não percebemos que deixamos de viver o

momento presente para providenciar o arquivo dele, o que alimenta “o mal do arquivo”.

Por isso, pode-se dizer que a paixão pelo arquivo revela a fragilidade do presente. Temos certeza de que ele vai passar rapidamente e logo o transformamos em objeto do passado. É como se fosse uma conservação do passado e do próprio presente. O tempo aqui apresenta-se como um paradoxo, pois arquivar é uma maneira de esquecer e também de lembrar, afinal é preciso esquecer para depois se lembrar.

Assim, essa paixão arquivística impulsiona abrir e desvendar arquivos de outros tempos. A crítica literária se desliga do interesse pelo texto no seu sentido restrito e abre espaço para novas investigações. É possível analisar os elementos que acompanham o texto e observar os arredores da sua construção, admitindo novas formas de análise. Como possibilidades de estudo, são trazidos à tona os rascunhos do escritor, as anotações, as correspondências trocadas com outros escritores e até os objetos pessoais.

O pesquisador de fontes primárias, no entanto, lida num campo perigoso, considerando-se que analisar o passado é algo que requer muito cuidado. Como já foi dito anteriormente, não é possível trabalhar com a totalidade, visto que os arquivos deixam de ser vistos como fragmentos de textos que permitem chegar à verdade e passam a ser lidos e analisados sob o ponto de vista de narrativas construídas. A proposta da perspectiva frente à fonte primária é de não tomar o arquivo como *documento*, que dever ser objetivamente interpretado, mas como *monumento*, uma reconstituição do passado que preserva a complexidade e a autonomia do mesmo. Por isso, utilizando mais uma vez a teoria de LeGoff (1996), pode-se afirmar com ele que:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LEGOFF, 1996, p. 545)

Não se pode simplificar as questões, tornando-as claras e objetivas, ou seja, lidar com a verdade absoluta. É preciso questionar o objeto, buscar a



problemática que o envolve, o conflito que ele sugere, compreender as construções subjetivas e o processo de valoração que o envolve. Ademais, deve-se buscar o processo, a condição de produção e não o produto como acabado, desconstruí-lo para (re) construí-lo.

A ilusão da verdade única é tratada por Ângela Gomes (2000) como um “feitiço” que pode cair sobre o profissional científico da memória ao tentar conduzir o objeto, ao invés de se deixar ser conduzido por ele. Nas palavras da autora,

É sob essa ótica que a *espontaneidade, a autenticidade e a verdade* dos documentos precisa ser trabalhada. De forma alguma para ser desconsiderada, mas exatamente para ser refletida e problematizada, sendo associada a outros tipos de documentação e sofrendo o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico. Nisso os documentos nada diferem de todos os demais documentos históricos. Dito de outra forma, o feitiço pode estar em toda parte, havendo apenas alguns lugares mais perigosos que outros. (GOMES, 2000, p. 08)

Dessa forma, o conceito de arquivo está ligado à questão do poder e através desse discurso, ao local onde se poderia ter acesso à verdade. No contexto pós-moderno, as teorias passam a questionar essa noção do arquivo como o lugar da verdade, passando este a ser visto como algo construído por um indivíduo e, portanto, com uma intenção subjetiva. Segundo afirma Terry Cook (1998) em seu texto *Arquivos pessoais e arquivos institucionais*,

O pós-moderno desconfia da idéia de verdade absoluta baseada no racionalismo e no método científicos. O contexto por trás do texto, as relações de poder que conformam a herança documental lhe dizem tanto, se não mais, que o próprio assunto que é o conteúdo do texto. Nada é neutro. Nada é imparcial. Tudo é conformado, apresentado, representado, simbolizado, significado, assinado por aquele que fala, fotografa, escreve, ou pelo burocrata governamental, com um propósito definido, dirigido a uma determinada audiência. Nenhum texto é um mero subproduto, e sim um produto consciente para criar uma persona ou servir a algum propósito, embora essa consciência, ou persona, ou propósito – esse contexto por trás do texto - possa ser transformado ou perdido, em padrões inconscientes de comportamento social, em discurso institucional e em fórmulas padronizadas de apresentação de informações. (COOK,1998, p.139-140)

Além da memória como apoio para contar a história do carnaval, Rosalvo Pinto utiliza fragmentos do Livro de Tombo da Paróquia local, assim como o faz em outros textos, no qual os acontecimentos eram relatados por Monsenhor Néelson, padre que marcou a história de Resende Costa, devido ao tempo que permaneceu por lá, 44 anos, e à dedicação exclusiva à paróquia:

De repente, como relata o então Pe. Néelson, no Livro de Tombo da Paróquia, “As filhas do Godofredo chegaram de São João Del Rei”, esfuziantes e saltitantes, e com elas o próprio diabo. (*Jornal das Lajes*, n. 8, novembro de 2003, p.2)

O caráter conservador deste padre fica registrado na crônica, na qual mais adiante o autor comenta: *Pe. Néelson fez o que pôde, conforme ele mesmo conta, para tocá-los para fora, elas e ele* (as filhas do Godofredo e o diabo). Este caráter também é mostrado no texto “Resende Costa, sua religião, sua fé”, em que o colunista revela o aparecimento da outra igreja, *Nessa década teve início a entrada no município, a partir do Ribeirão, de um ramo das igrejas evangélicas, o da Congregação Cristã*. (*Jornal das Lajes*, n. 47, março de 2007, p.2). Isso provocou reações na pequena cidade, conforme o que está expresso a seguir: *Seus adeptos foram duramente combatidos, o Pe. Néelson, claro, à frente*.

Este padre é parte da história de Resende Costa. O próprio *Jornal das Lajes* sempre cita o nome dele. Em uma das edições (outubro de 2003), ele é o assunto da coluna “Um olhar sobre Resende Costa”, que se propõe a levantar nomes de pessoas importantes para a cidade. Nesta, a colunista Ana Paula Mendonça de Resende, de formação em História pela UFOP, introduz:

Algumas pessoas são tão importantes em um determinado lugar, que chegam, em certos momentos a se confundir com a própria história deste lugar. Essas pessoas geralmente são polêmicas: alguns a adoram, outros a detestam, mas todos têm algum caso para contar sobre elas. E, em Resende Costa, temos a singular figura do nosso Monsenhor Néelson. É inegável sua importância religiosa, política e social para nossa cidade. (*Jornal das Lajes*, n.7, outubro de 2003, p.3)

Mais adiante, a historiadora comenta o surgimento do Livro de Tombo da Paróquia, ao qual Rosalvo Pinto recorre em seus textos, que, segundo o próprio padre, registraria

“inventários e os principais acontecimentos da paróquia, e também todos os fatos nacionais e internacionais que por sua importância encontrarem ou fizerem eco na vida cívica e religiosa de todos que se reúnem sob os olhares e proteção da Nossa Senhora da Penha”. (*Jornal das Lajes*, n. 7, outubro de 2003, p.3)

Rosalvo Pinto, em sua coluna, também realça a figura do padre Néelson, pois dedica a ele, em julho de 2008, um texto chamado “Mons. Néelson Rodrigues Ferreira”. Segundo o autor, mesmo já se tendo falado tanto nele, *há sempre um ângulo diferente, um cantinho obscuro e escondido a ser observado, ao se traçar o perfil de alguém.* (*Jornal das Lajes*, n. 63, julho de 2008, p.2). Porém, esse aspecto ainda não revelado não fica tão explícito em seu texto e ele acaba recorrendo à biografia do padre e à sua caracterização: (...) *era um sacerdote de formação intelectual refinada. Muito culto e bem informado, falava e escrevia com desenvoltura e correção, além de sua notória paixão pela História.* Ainda neste texto, o colunista diz que: *Sua vida, suas atitudes, seu perfil pastoral eram típicos de um sacerdote fiel à mentalidade da igreja na época, uma Igreja voltada preferencialmente ou mesmo apenas para as coisas espirituais.* Percebe-se, então, que o colunista tenta justificar as atitudes do padre, como se fossem consequências naturais do meio que o envolvia.

No texto “Resende Costa, sua religião, sua fé”, ao criticar a postura do padre em não aceitar outras manifestações religiosas, o que possivelmente ofenderia alguns leitores, dado o reconhecimento do padre pelo povo resendecostense, Rosalvo Pinto parece retratar-se, transferindo a crítica à igreja católica: *Não se critica aqui sua pessoa. Ele representava, com fidelidade ao seu ofício, a mentalidade da Igreja Católica daqueles tempos, que se considerava a única, fora da qual não haveria salvação.* (*Jornal das Lajes*, n. 47, março de 2007, p.2).

Neste texto, a memória individual do colunista também é contextualizada em fatos históricos tidos como importantes, como a realização de Concílios da

Igreja Católica, (...) *a realização do Concílio Vaticano II pela Igreja católica, entre 1962 e 1965, trouxe outros ares para essa questão*, a questão do ecumenismo.

Outros padres também foram assunto da coluna “Causos & Cousas”, como já foi dito anteriormente, *muitos padres passaram pela paróquia, com as mais variadas histórias*: “Pe. José Hugo de Resende Maia”, texto de abril de 2008, e “Um padre que marcou época” (outubro de 2003), texto que fala de Pe. Adelmo Ferreira da Silva, na mesma edição em que Mons. Néelson é homenageado na coluna “Um olhar sobre Resende Costa”. Enquanto Pe. Néelson recebe destaque num texto maior na página três do jornal, ganhando inclusive uma chamada na capa, Rosalvo Pinto relembra a figura de outro padre não menos importante, aos olhos dele, para a cidade, que chegou lá em 1950 como vice-pároco de Mons. Néelson. O colunista realça no texto que foi este padre quem se empenhou na construção do único Salão Paroquial da cidade, e, portanto, recentemente,

(...) quem por ali passou nesses 50 anos de sua existência mal terá reparado, no alto, à direita do palco, a foto modesta e desgastada, quase sempre torta, de um jovem padre. Do outro lado está o Mons. Néelson. A geração mais nova de RC provavelmente nem terá ouvido falar nele. (*Jornal das Lajes*, n.7, outubro de 2003, p.2)

Dessa forma, até mesmo pela descrição da foto do Pe. Adelmo, subentende-se que ele não é reconhecido pela cidade, bem ao contrário do que acontece com Pe. Néelson.

No texto “Pe. José Hugo de Resende Maia”, (abril de 2008), o colunista registra mais uma vez pontos da memória individual:

Lembro-me como se fosse hoje. Eu, um mirradinho coroinha, nove anos, de batina vermelha, via entrar na sacristia maior, na sua severa e solene batina preta, cheia de botões e de mistérios. Quase me escondendo de vergonha e de respeito, olhava para aquelas figuras, o Zé Hugo e o Antônio da Zélia. Eram seminaristas em Mariana e costumavam vir à cidade para participar das cerimônias da Semana Santa e do Natal. (*Jornal das Lajes*, n.60, abril de 2008, p.2)

Mais uma vez, apoiado na memória individual, o colunista traz à tona as comemorações da cidade, na maioria das vezes ligadas à igreja, e permite (re) construir a história da cidade.

Essa marca dos padres que passaram pela cidade é parte da história da religiosidade de Resende Costa. Rosalvo Pinto mesmo diz em “Resende Costa, sua religião, sua fé”:

Outros padres vieram e, por muitos anos, a Igreja continuou sendo o centro de toda a vida e de todas as atividades da cidade. Interferia inclusive na política local. Tudo girava em torno da Igreja e da igreja. Não é por simples coincidência que nossa matriz ocupou o ponto mais alto da cidade. Faz parte de sua silhueta, de seu “sky-line”, para usar um termo mais chique e moderno. (*Jornal das Lajes*, n.47, março de 2007, p.2)

Isso revela a relação do presente com o passado, ou seja, como o presente tem sido (re) constituído pelo ato de se repensar o passado. Ao basear-se na memória, para traçar o perfil religioso da cidade, Rosalvo Pinto traz para o presente a explicação, por exemplo, do posicionamento da igreja.

Essa transferência para o presente também é feita em “Resende Costa, sua religião, sua fé”:

E os ventos do ecumenismo começaram a soprar sobre as lajes de Resende Costa. Antes tarde do que nunca. Criou-se, assim, um clima de liberdade religiosa por aqui. Multiplicaram-se, nos últimos tempos, não só as capelas católicas, mas, sobretudo, as igrejas ou templos evangélicos. Até as adesões ao espiritismo e à maçonaria, tão duramente combatidas, são hoje fatos naturais da cidade. (*Jornal das Lajes*, n.47, março de 2007, p.2)

Com o apoio da memória torna-se possível traçar o perfil da história da religiosidade de Resende Costa e do colunista Rosalvo Pinto. Pelo o que é descrito no texto intitulado “Semana Santa” (março/abril de 2004), não só a cidade apresenta um caráter religioso, mas também ele próprio, o que é verificado a partir da sua descrição da Semana Santa da cidade:

Um cheiro de mistério e manjerição no ar. Sinos chorosos e barulhentas matracas. Acordes graves, lentos e lancinantes da banda. É o sinal. Os de perto, os de longe os da roça, os ausentes de tanto tempo enchem a cidade. Religiosidade, encontro, fé e saudades. É a Semana Santa, para comemorar pela 2004ª vez consecutiva, a última semana de vida de Jesus Cristo nesta terra. Coisas grandes e misteriosas. Definitivamente, não existe no mundo um maior preito de saudade do que este. (*Jornal das Lajes*, n.12, março /abril de 2004, p.2)

Mais adiante, para transferir o assunto para o passado, ele diz: *[a] Semana Santa de hoje evoca saudades das de antigamente*. A partir daqui, a memória é evocada e o autor narra o comportamento das pessoas ao longo dos dias de festa, inclusive das pessoas da zona rural de Resende Costa:

Mas o mais esperado era a procissão do povo da zona rural para a “vila”: desde sexta-feira, carros-de-boi cantando, cavalos e burros de cangalha nas cavas e estradas. Uma verdadeira mudança. Latas de leite cheias de biscoitos e quitandas várias, mantimentos, a famosa carne na lata de banha, um pouco de tudo. Sábado à noite, como por encanto, acabava todo o alvoroço da preparação. A cidade dormia tranqüila e no outro dia amanhecia um domingo ensolarado, cheio de ramos, aleluias e palmas... (*Jornal das Lajes*, n.12, março /abril de 2004, p.2)

Depois de buscar na memória aspectos do passado da cidade, é possível transferir para o presente o caráter religioso da cidade, confirmando mais uma vez a relação da memória com o tempo do presente:

Mas é inegável que a marca da Igreja ainda permanece forte: o ciclo de suas festas ainda domina a vida da cidade, misturando-se por vezes o religioso com o cultural e o folclórico. Vejam-se a Semana Santa e as festas do Rosário, de N. Sra. da Penha, São Sebastião, Santo Antônio, etc. (*Jornal das Lajes*, n.12, março /abril de 2004, p.2)

Assim, é possível perceber como o presente tem sido (re) constituído pelo ato de se repensar o passado. Apoiado na memória individual e na sua relação com a coletiva, Rosalvo Pinto levanta o nome de pessoas, fatos e costumes relevantes na (re) construção da história de Resende Costa. Segundo Glória Reis, (...) *falando de suas lembranças, esses sujeitos adquirem, ao mesmo tempo, o direito de transitar por temas e períodos de sua própria vida e passam, então, a reler e revalorizar a própria história*. (REIS, 2007, p. 219)

Considerando então a relação entre a memória e a história, que, assim como vimos, devem ser entendidas como passíveis de (re) construção por meio de processos, podemos (re) construir aspectos da história da cidade através do viés memorialístico dos textos de Rosalvo Pinto na coluna “Causos & Cousas”. Entretanto, não se pode afirmar que *uma boa e sólida história de Resende Costa*

*ainda está por ser feita*. Ela já está sendo feita, inclusive pelo próprio autor dessa afirmação.

### 3.2 O diálogo com outros autores

Ainda lidando com relação entre a memória e a história, pretendemos neste item contrastar a reescrita da história de Resende Costa a partir dos textos da coluna “Causos & Cousas” que selecionamos com a história da cidade narrada pelo olhar de outros autores.

Partindo da afirmação de que a memória não registra um fato histórico absoluto, dada a impossibilidade de reviver o passado tal qual ele aconteceu, vamos voltar ao texto “Resende Costa e sua história”, no qual Pinto ressalta que o livro do professor José Augusto foi o único relato da história da cidade, e contrapô-lo ao texto “Prof. Lara Resende e a história de Resende Costa”. Os dois textos revelam um desencontro das palavras de Pinto, sendo que os dois foram publicados um em seguida ao outro, em setembro/outubro de 2006, e inclui já no título outra contribuição para a história da cidade, o que não foi mencionado no texto anterior, além de ser um texto em que o cronista também descreve um livro, de autoria do professor Lara Resende:

Antônio de Lara Resende (...) esteve sempre muito ligado à história de nossa cidade. Em muitas coisas. Vou lembrar aqui apenas sua contribuição para a preservação de nossa história, no período em que ele aqui viveu. (*Jornal das Lajes*, n.42, setembro /outubro de 2006, p.2)

O autor torna-se então incoerente ao dizer que o professor José Augusto é que deu *a primeira (e única) modesta, mas grande contribuição* para a história da cidade, já que o professor Lara Resende também o fez, o que está explícito no uso da mesma palavra, contribuição, já que no segundo texto foi dito *contribuição para a preservação de nossa história*.

Também neste último texto o colunista revela no primeiro parágrafo que

Fazer nossa história exige mesmo vasculhar as distâncias e os escuros da cabeça. O Rosa tem razão: a gente vai lembrando e vai achando.

Essa moçada que anda escarafunchando tudo por aí e escrevendo neste jornal está fazendo isso, e com galhardia. (*Jornal das Lajes*, n.42, setembro /outubro de 2006, p.2)

Por essas palavras torna-se desnecessária a afirmação de que *uma boa e sólida história de Resende Costa ainda está por ser feita*, na medida em que o autor considera que a equipe do jornal e especificamente o professor Lara Resende estão fazendo a história da cidade.

Recorrendo aos textos de Antônio de Lara Resende em seus livros de memórias, volumes I e II, percebemos que é possível contrastá-los com a descrição que Rosalvo Pinto faz deles em “Prof. Lara Resende e a história de Resende Costa”.

Escrever memórias foi sempre uma apreciada atividade literária pelo prazer que os seus autores têm ao relatar fatos, experiências, explicar situações e atitudes, dar testemunhos e interpretações pessoais, enfim, expor suas vivências. E é a partir das vivências do mestre Lara Resende, chegando a fundar seu próprio colégio em São João del-Rei, que nos deparamos com a história da cidade de Resende Costa, especificamente no volume I de suas memórias, *Memórias – de Belo Vale ao Caraça*.

Antônio de Lara Resende nasceu em 1894, em São Gonçalo da Ponte, lugar hoje denominado Belo Vale, no interior de Minas Gerais. Com apenas quatro meses de idade, foi levado para Laje, hoje Resende Costa, onde seu pai havia nascido, e onde viveu até os dez anos de idade.

Recorrendo ao livro *Tear - Artesanato em Resende Costa* organizado pelo professor Micênio Carlos Lopes dos Santos e seu aluno graduando Gustavo Melo Silva, que apresentam o resultado de uma pesquisa sobre o artesanato têxtil da cidade, ambos da Fundação Superior de São João Del Rei, hoje Universidade Federal, torna-se possível encontrar registros da mudança de nome do município. Inicialmente, eles relatam que:

Em 1749 foi erguida a capela de Nossa Senhora da Penha de França, no lugar da “laje”, em torno da qual se construíram oito casas, pertencentes aos fazendeiros das primeiras famílias transferidas para a região (...), que vinham ao arraial por ocasião das festas religiosas. (SANTOS; SILVA, 1997, p.15)



O nome “laje” refere-se ao volume de rochas que há no alto da cidade e que fez com que parte dela fosse edificada sobre as rochas, originando o nome Arraial da Laje e simplesmente Laje, como a cidade foi chamada. Antônio de Lara Resende descreve em suas memórias essa passagem:

Laje do Céu, Laje do Inferno e Laje da Cadeia é como se denominaram sempre os três gigantescos e abaulados afloramentos de rocha, entre os quais repousa, a cêrca de mil e duzentos metros de altitude, a antiga Laje, atual Resende Costa (...) (RESENDE, 1970, p.46)

A primeira laje descrita foi envolvida pela construção de imóveis, mas as outras duas permanecem com o mesmo nome e são como o cartão postal da cidade, por atrair, juntamente com o artesanato, um grande número de turistas.

Ainda segundo Santos e Silva, o Arraial da Laje foi incorporado aos municípios de Lagoa Dourada e Entre Rios de Minas, para depois vincular-se a São José Del-Rei, em 1875, hoje São João Del Rei. Em 1911, ganha autonomia como município, com o nome de Vila de Resende Costa, em homenagem aos inconfidentes José de Resende Costa (pai e filho) que viviam na região e que, na segunda metade do século XVIII, ligaram seus nomes à história de Minas e do país, com seu envolvimento na Inconfidência Mineira. Em setembro de 1923, a cidade passa a ser chamada de Resende Costa.

O nome do jornal que serve como *corpus* para nosso estudo, então, é uma referência ao passado histórico da cidade. Seu objetivo com o uso desse nome, *Jornal das Lajes*, parece ser resgatar o passado de Resende Costa, dado que na coluna que exploramos, “Causos & Cousas”, o objetivo se mantém.

Lara Resende parece lamentar a mudança de nome do lugar, embora a justifique:

Facilmente se evidencia a razão do topônimo que precedeu o atual (nome) e cuja substituição seria de lamentar, se tão justa não fôsse a homenagem a dois mineiros que se immortalizaram na Inconfidência Mineira e fixaram na História Pátria o nome obscuro do Arraial da Laje. (RESENDE, 1970, p.46)

Já Rosalvo Pinto, mesmo objetivando manter com o leitor um diálogo sobre o passado da sua cidade, não faz referência em seus textos a essa parte da

história do lugar. O nome Lajes aparece em três títulos de textos que selecionamos, sendo em “Jornal das Lajes”, escolhido para exemplificar a caracterização do gênero crônica, em “Resende Costa, seus bairros, ruas, becos e lajes” (julho/agosto de 2004), no qual o autor levanta o nome dos bairros realçando os aspectos geográficos da cidade desde os anos 50, e também no texto “Lajes Letradas” (janeiro de 2004), em que através da metáfora do título o cronista cita os nomes de pessoas envolvidas na área das letras, que para ele não são poucos.

Diferentemente de Lara Resende, Pinto aprova a mudança do nome do lugar, o que é curioso, pois se ele idolatra o passado, tal como foi mostrado nos textos que contrapõem características da cidade de ontem com as de hoje, mais provável fosse que ele preferisse o uso da palavra Laje para designar a cidade.

Aliás, em questão de gosto, é bom lembrar também que quem escolheu esse lugar para viver foram nossos ancestrais inconfidentes. E, como prêmio pela escolha, a bela e majestosa laje virou Resende Costa. Tiveram bom gosto. (*Jornal das Lajes*, n.55, novembro de 2007, p.2)

Ao relembrar sua história, Lara Resende também caracteriza Resende Costa de uma forma bem diferente de Rosalvo Pinto. Para o professor, em algumas passagens do livro, a cidade é caracterizada como muito pequena, além de não despertar boas lembranças, como o é para o colunista de “Causos & Cousas”. Enquanto para este ser uma cidade pequena é o mesmo que ser tranquila, o que oferece segurança aos seus moradores, para aquele é sinal de atraso e dificuldade. A primeira referência a isso é dada depois da descrição que Antônio de Lara Resende faz do pai dele *namorando* as terras da Fazenda Boa Esperança, nos arredores da cidade, onde viveu:

É que da Fazenda da Boa Esperança, onde dizia papai ter passado a melhor fase de sua vida adulta, mudara-se êle para o Arraial de Laje, naquele janeiro de 1895, passando de um estado de abundância, a que se habituara desde o berço, para as condições que lhe impuseram a pobreza a que fôra levado, e a família já numerosa, a crescer ainda. Era a mudança de hábitos contraídos consecutivamente em duas ricas propriedades rurais, para o que lhe custaria a vida a labutar em pequeno arraial. (RESENDE, 1970, p.23)

Evidenciando ainda mais que as lembranças boas do pai eram oriundas da fazenda e não do Arraial da Laje, depois da mudança da família, ele narra a contemplação dos arredores da fazenda através da janela da cozinha da casa deles no pequeno arraial:

De lá, com freqüência, apontando ao longe a Serra da Boa Esperança, papai nos indicava sítios que mais lhe falavam à sensibilidade, referindo-se às características de cada um, ou relatando, com riqueza de detalhes, fatos e coisas lá ocorridos com êle nos dias felizes e chorados de sua mocidade. -Está vendo, meu filho, aquêlo pico azulado? (RESENDE, 1970, p.25)

Rosalvo Pinto no texto “Prof. Lara Resende e a história de Resende Costa” considera que essas boas recordações são da cidade e diz que

(...) o professor recupera a vidinha tranqüila e gostosa de nossa cidade, no início do século passado. São relatos encantadores, de costumes, fatos, personagens, paisagens, fazendas, festas, uma delícia. (*Jornal das Lajes*, n.42, setembro /outubro de 2006, p.2)

Esse comentário não é coerente com as palavras de Lara Resende, já que a vida no arraial foi sinônima de labuta. Talvez por isso, designando um período da sua vida que foi muito difícil, que como ele mesmo diz, de pobreza e labuta, a cidade não lhe provoque tão boas sensações assim, como Pinto descreve. Inclusive pelo fato de que seu sonho maior era prosseguir os estudos e grande era sua frustração por não conseguir fazê-lo naquela pequena cidade. Todavia, com a ajuda de algumas pessoas, mais tarde ele foi admitido na Escola do Caraça, mais propriamente Escola Apostólica Nossa Senhora Mãe dos Homens, destinada à formação de sacerdotes.

Esse interesse por um lugar maior é notado na sua descrição da cidade vizinha de São João Del – Rei, trecho em que ele contrapõe o progresso da cidade com a descrição do atraso da Laje:

(...) aquela coroa de iluminação elétrica, é São João Del-Rei. (...) Até o começo dêste século, quando, à noite, apenas raros lampiões a querosene esbatiam a escuridão nas ruas principais da Laje, acredito que aquêlo clarão, coroando ao longe São João Del –Rei, muito contribuisse para que, sem conhecê-la, todos a considerassem uma esplêndida maravilha. (RESENDE, 1970, p.145)

Dessa forma, as duas cidades são incomparáveis aos olhos de Antônio de Lara Resende: *E São João era, para os lajeanos, a cidade: não apenas uma cidade.* (RESENDE, 1970, p.145), o que mostra a sua não predileção por Resende Costa, mais uma vez diferentemente de Pinto, o que pode ser verificado através dos textos “Por que gosto de Resende Costa?” (novembro de 2007) e “Eta terra boa” (janeiro/fevereiro de 2007). Nestes textos, a cidade para o escritor é caracterizada como *o lugar onde a gente se sente feliz* (*Jornal das Lajes*, n.55, novembro de 2007, p.2). Ao aproximar-se da cidade *[p]arece que aquela montanha de pedra vai crescendo diante da gente, exercendo um forte magnetismo. Como explicar isso?* (*Jornal das Lajes*, n.46, janeiro /fevereiro de 2007, p.2).

É possível buscar mais subsídios que remetem à história da cidade no livro de contos de Otto Lara Resende intitulado *O retrato na gaveta*, publicado em 1962, no qual também encontramos uma referência ao antigo nome de Resende Costa. Embora fictício, o primeiro conto do livro, “O carneirinho azul”, se passa num lugar chamado de Lagedo, que remete às memórias de seu pai, Antônio de Lara Resende, pelo possível diálogo entre os dois textos.

Inicialmente, pode-se observar que em *Memórias – de Belo Vale ao Caraça*, volume I, também aparece a palavra azul em dois capítulos: “No azul da serra” e “Tabuleta azul”. É interessante notar isso porque na crônica “Esse Brasil? Sumiu!”, de Otto Lara Resende, no livro em que algumas crônicas dele foram selecionadas, intitulado *Bom dia pra nascer*, ele atribui à cor azul o poder de representar o passado: *Como a terra vista pelo Gagarin, o passado é azul. Toda distância, no tempo ou no espaço, é azul. De perto as coisas exibem as cores que têm.* (RESENDE, 1993, p.19)

Em “O carneirinho azul”, o narrador de primeira pessoa conta suas experiências, juntamente com sua família, das aflições que viveram diante da Revolução de 1930, quando, ainda criança, morava num pequeno lugar chamado Lagedo e teve, sem entender por que, que deslocar temporariamente com a família para o sítio. O sonho de sua mãe era que o filho concluísse seus estudos, mas a cidade não oferecia possibilidade e *[a] pesar de tudo, mamãe ainda sonhava em me mandar para fora, tirar o ginásio no Instituto Padre Machado, em*

*São João Del-Rei* (RESENDE, 1962, p.165). Observa-se aqui uma clara referência às memórias de seu pai, dado que Instituto Padre Machado foi o colégio que Antônio de Lara Resende fundou na cidade vizinha de São João del-Rei em 1921.

Para o narrador de “O carneirinho azul”, João, chamado de Juquinha, a cidade não era agradável:

Mas Lagedo, com a sua preguiça de lagarto, no alto da serra, ao sol. Eu deitado no assoalho de tábuas frescas. A casa em silêncio, a cozinha em descanso, o bocejo dos quartos. Verão. Um ruído ao longe – o chiar de um carro de bois, o pipocar de um motor antigo, primitivo. O ar parado, sem presságios. A cidade parada. Os animais na sua hora de indolência: gato enrodilhado no sofá, cachorro dormindo, burros sonolentos incapazes de mover a cauda para espantar uma mosca monótona. Mosca de meio-dia. Galinhas de bico aberto no quintal, ciscando, calorentas, em busca de nada. Lagedo, às três da tarde. (RESENDE, 1962, p.165)

Assim como as memórias descritas de Antônio de Lara Resende, a cidade era muito parada, monótona, o que causava tédio ao jovem narrador. Mais uma vez essas características não se aproximam da realidade das narrativas de Rosalvo Pinto, pois a monotonia não é encarada aqui como indicação de tranquilidade, mas sim de recusa.

Da mesma forma que o pai de Otto mostra-se deslumbrado na descrição de uma cidade maior, no caso a de São João del-Rei, Juquinha fica deslumbrado com a presença de uma prima que veio do Rio de Janeiro por ocasião do casamento de sua irmã mais velha e descreve assim a cidade:

A nomeada, por seu turno, vinha de um mundo inefável, de ecos encantatórios – o Rio de Janeiro. A capital, a cidade grande, o Pão de Açúcar, a mais linda baía do mundo. Desse mundo fascinante de beira-mar é que subiu à montanha aquela moça de dezoito anos – e o esplendor que dela emanava e que nunca mais reencontrei em ser nenhum deste mundo. (RESENDE, 1962, p.155)

A presença da prima Rita Maria é o que quebra a monotonia da infância do narrador descrita no conto. Ela é “espontânea” e “veraz”, ao contrário da família do narrador, em seu apagado cotidiano, e os trata de uma forma compassiva e

carinhosa, o que deixa Juquinha hipnotizado. Rita Maria, com sua envolvente personalidade, simboliza a alegria na alma tristonha do quase adolescente narrador de “O Carneirinho Azul”, como se percebe na sua descrição da nudez de sua parente, num banho de rio, justamente na véspera de sua partida, para nunca mais dar notícias:

(...) De repente, Rita Maria, ela mesma, a prima, a deusa carioca, surgiu diante de mim, inteira, total, verdadeira – e despida. Meu Deus, estava nua! Que choque, que susto o meu! Estava de maiô. Mas para mim que me deitava no chão para ver-lhe os pés, era como se estivesse nua. Para mim, invadido e obcecado por ela, para mim, que nunca tinha visto um maiô, estava nua! Meu coração disparou, batia no meu pescoço, pulsava dentro de minha boca, me engasgava. E Rita Maria veio se movendo, se melomovendo, e parou bem junto de mim, monumental: ergueu os braços como se eu não existisse. (RESENDE, 1962, p.158)

O desfecho da história de “O Carneirinho Azul” também permite aproximá-la das memórias de Antônio de Lara Resende, já que o menino Juquinha só conseguiu sair de Lagedo, depois da morte da mãe, para ir para o seminário: *O seminário, eu poderia ir para o seminário. Eu poderia sair de Lagedo. (...) Eu queria ser santo, talvez quisesse ser padre. Queria sair de lagedo.* (RESENDE, 1962, p.182). Lara Resende também relembra em sua obra que somente conseguiu sair da Laje para dirigir-se à Escola do Caraça, destinada à formação de sacerdotes. Que ambos não tivessem essa vocação ficou evidenciado mais tarde, porém conseguiram pelo menos ir embora daquela cidade.

Dessa forma, o diálogo entre os dois textos permite aproximá-los e ainda relacionar ambos com a história da cidade de Resende Costa. Ao pesquisar sobre pessoas, que além do professor José Augusto, citado por Rosalvo Pinto, tenham escrito sobre Resende Costa, encontramos Antônio de Lara Resende, em suas memórias, Micênio Carlos Lopes dos Santos e Gustavo Melo Silva, e ainda Otto Lara Resende, que deixa numa novela traços que permitem aproximá-la da história da cidade. Através desses olhares é possível adentrar um pouco mais na história de Resende Costa pelo viés de diferentes autores contrastando-os, na medida do possível, com o olhar de Rosalvo Pinto nas crônicas de “Causos & Cousas”. Isso enriquece a (re) construção da história da cidade, como será mostrada no capítulo seguinte.

## **Capítulo 4:**

### **Construindo a identidade local através da coluna “Causos & Cousas”**

#### **4.1 O espaço das cidades**

O passado de uma cidade é construído no presente. Sempre restaura-se ou reconstrói-se um cenário para que a cidade fale do seu passado num dado momento do presente, como é o caso dos centros históricos, que apesar de terem sido transformados em meros objetos da indústria do turismo, apresentam uma das formas de resgate do passado de um determinado lugar.

O tempo permite à memória levantar imagens e características que falam de uma outra época e faz com que a cidade viva na memória de seus habitantes e visitantes, provocando diferentes lembranças. Quando uma cidade se desfaz de seu passado, é uma cidade perdida no tempo, sem memória, sem vida, sem referência, o que acaba comprometendo seu futuro, visto que lembrar é estar presente no passado, é dar um novo significado ao presente que acaba modificando a forma de encarar o futuro.

As imagens da cidade são compostas por recortes de existências, pelas forças sociais que elas representam e sustentam, recortes de milhares de vozes, sons e imagens - memória viva. No fluxo pelo qual estes recortes se entrelaçam é que a história da cidade se compõe. A partir da memória, podemos alimentar a imaginação e a recordação do passado, através de seu acervo de imagens que mostra uma das muitas possibilidades de enxergar a história daquele dado lugar.

Porém, não é possível recuperar o passado e suas condições de vida. Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. Existem várias realidades, modificadas no discurso. A cidade está sempre em mudança de

significado e função, já que seu passado é reinventado a partir de diferentes intervenções.

O papel da memória no contexto da contemporaneidade é abrir possibilidades de reinventar esse passado. Encarada como articuladora entre presente, passado e futuro, a memória permite um trabalho de reinvenção do passado, que por sua vez permite a (re) construção da história, considerando-a, é claro, como objeto passível de construção. A memória age como uma forma de resgate do que foi vivido, permitindo ao indivíduo uma das várias possibilidades de acessar o passado histórico de um lugar a partir do momento do presente, que é sempre passível de mudanças. Assim sugere Gloria Reis (2007):

O registro das experiências contadas por artistas traz em si a possibilidade de vermos o presente, não como uma realidade fixa e imutável, nem como algo eterno, mas como um produto humano, como um momento de passagem, uma ponte através da qual o passado constrói o futuro. É uma reinvenção do passado para construir o futuro. (REIS, 2007, p.226-7)

É isso o que pretendemos mostrar com esse trabalho acerca da coluna “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes*. Através dos textos selecionados da coluna e do diálogo com outros autores é possível lidar com uma das possibilidades da (re) escrita da história da cidade de Resende Costa, valendo-se da memória, principal ferramenta utilizada pelos autores nos textos, como um fenômeno social que liga presente, passado e futuro.

O autor da coluna “Causos & Cousas” nos permite reviver imagens, emoções, situações, características, enfim, os *causos e cousas* da cidade de Resende Costa. Tudo isso não pode ser encarado como uma mera visualização do passado da cidade. Rosalvo Pinto levanta traços que extrapolam as sensações pessoais, misturando-se a fatos históricos que permitem o acesso a uma memória que leva à compreensão da cidade hoje, que faz com que a memória cumpra seu papel de servir ao presente. Além de levar-nos ao passado histórico da cidade, os textos de Pinto contribuem para evitar o esquecimento de momentos e circunstâncias que se perderão pela falta de registro. Seus textos funcionam como um testemunho vivo de um processo histórico, permitindo um contato com o



passado de uma forma diferente, o que seria inacessível, por exemplo, nos documentos oficiais da história da cidade.

Neste ponto, então, podemos comparar a figura do escritor com a figura de um artista, que elabora cuidadosamente seu texto e nos permite utilizá-lo como fonte de pesquisa. Partindo da premissa de que a arte relaciona o artista com sua sociedade, dado que ele é um ser social e que expressa no que faz as influências do mundo em que vive, Gloria Reis (2007) afirma que é necessário tomar cuidado com essa relação já que as conexões entre a arte e a sociedade relacionam-se à história e essa relação realiza-se através de complexas instâncias mediadoras. Assim também acontece com o escritor, pois é difícil relacionar sua obra ao contexto em que é produzida sem considerar que essa conexão é mediada de forma complexa.

Por isso, não podemos nos esquecer de que essa visão trazida dos textos de Rosalvo Pinto do passado resendecostense não pode ser encarada como verdade inquestionável. Acerca do diálogo entre a memória e a cidade, Reis tece reflexões a partir das quais podemos entender a complexidade que envolve o relato da memória de um habitante de uma cidade, como é o caso de Rosalvo Pinto:

Consideramos que a produção de registros através das lembranças dos habitantes de uma cidade implica em estabelecer referências de validade ampla, mas contém verdades muito singulares porque traz à tona histórias que não são reprodução exata do passado, mas uma reconstituição, às vezes imaginativa, dos tempos idos, com suas persistências e esquecimentos. (REIS, 2007, p. 215)

Podemos então, a partir da fala da autora, evidenciar que apesar de relatar características da história da cidade de Resende Costa, esta não deve ser tomada como totalmente falsa ou absolutamente verdadeira. A lembrança que diz respeito ao passado é contada por alguém que muitas vezes vivenciou a época, o que facilita o acesso à emoção. Além disso, Pinto escreve atualizando os fatos ocorridos a partir de um ponto presente, o que diferencia a realidade do fato narrado com o fato realmente acontecido, tal como foi mostrado em vários textos nos quais há confusão e desencontros de datas, palavras e afirmações entre os textos do próprio autor e entre textos de autores diferentes, como foi mostrado a partir de Antônio de Lara Resende e Otto Lara Resende. Como diz Reis (2007),

os textos anteriores, mesmo sendo referentes ao espaço da mesma cidade, têm perspectivas diferentes, ou seja, são narrados por diferentes formas de olhar a cidade.

A estas análises, somam-se dados históricos e, então, entramos em contato com um passado narrado sob diversos olhares do presente e revelam-se modos de vida anteriores que, por sua vez, explicam situações do presente e nesse diálogo de informações é como se fizéssemos a leitura da cidade-documento. (REIS, 2007, p. 218)

A maneira de pensar e transmitir suas experiências faz de Rosalvo Pinto um informador sobre a vida no espaço urbano de Resende Costa, evidenciando ainda uma identificação coletiva, já que, como vimos, a memória individual relaciona-se com a coletiva. Isso valoriza o resgate feito pelo colunista e ainda permite o traçar de identidades coletivas. Ao relembrar histórias sob uma perspectiva pessoal, o autor permite uma aproximação com a realidade da história da cidade. Em uma história que é aparentemente individual, é possível atribuir um significado coletivo. Através da voz de Pinto, que viveu determinada época em Resende Costa, entramos em contato com modos de vida e pensamentos do período. Mesmo falando de si mesmo, o colunista de “Causos & Cousas” fala a partir de uma situação que expõe o tempo e os acontecimentos de um espaço, o que vai revelar as tensões e contradições que este espaço envolve, no caso, desta pequena cidade do interior de Minas Gerais. Merece destaque aqui a caracterização do espaço chamado de cidade, com o qual estamos lidando na nossa análise.

Neste caso, o fato de estarmos levantando a história de uma cidade por si só já requer cuidado, porque o espaço citadino carrega o convívio com a diversidade. Dado o levantamento da cultura, que foi feito no primeiro capítulo do trabalho, e as diferentes faces que o termo tem, levantadas no segundo capítulo, fica fácil perceber que a cidade é um espaço que expressa o pluralismo cultural, dado que *o espaço urbano é lugar da mistura de raças e culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais* (REIS, 2007, p.216). O convívio de pessoas diferentes dentro de uma cidade revela a alternância de padrões e ainda expõe a dimensão das diferenças.

É na cidade que novas temáticas surgem e polêmicas são provocadas e onde se encontram possibilidades de alteração constante, de rupturas e continuidades, de diversidades e especificidades, de busca de tradições e identidades, de tensões e interações do local com o global. (REIS, 2007, p. 217-8)

É possível confrontar essa visão com os depoimentos de Rosalvo Pinto no texto “Bilhete” (fevereiro de 2004). Expondo mais uma vez seu carinho por Resende Costa, o autor diz ter rascunhado um texto que falasse sobre o que são as cidades para ele. Porém, ele achou melhor retomar o texto da coluna “Soltando o verbo”, da edição anterior, e acrescentar suas ideias, que são as que nos interessam. Partindo da afirmação de que *as cidades são, em síntese o povo que elas têm*, (*Jornal das Lajes*, n. 11, fevereiro de 2004, p. 2), ele resume que *as cidades são isso: origens, cultura, saber e ... saudades*, termo que obviamente não poderia ficar de fora, já que se pode afirmar que é grande a saudade que o cronista sente da cidade de antigamente. Depois de se arriscar na síntese e no resumo de um termo que envolve tanta complexidade, ele ainda se compromete:

Muito legal, pois sua galeria (a de pessoas lembradas no texto da coluna “Soltando o verbo”) mostra o que há de mais precioso e característico de RC: somos todos muito unidos por esse laço forte que é, simplesmente, ser de RC. Mas sem diferenças de raça, cor, religião e situação social. ((*Jornal das Lajes*, n. 11, fevereiro de 2004, p.2)

Pinto aqui descreve uma cidade incompatível com a realidade, pois é impossível obter homogeneidade num espaço tão heterogêneo como é o da cidade. Mesmo tratando-se de uma cidade pequena, as pessoas não são iguais, elas têm mentalidades e realidades completamente diferentes. A igualdade mencionada nas palavras do colunista são meramente expressões de uma utopia, talvez inventada pela emoção ao falar da cidade.

Voltando ao caráter geral da coluna “Causos & Cousas”, pode-se dizer que nela a memória é resgatada na medida em que a cidade é (re) inventada, tornando-se possível decodificar modos de vida, hábitos, costumes, ou seja, a cultura da cidade de Resende Costa. E isso somente torna-se possível a partir de um conceito de memória que, produzido no presente, refere-se a uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha

teórica em que nos situemos para trabalhar com a memória, estaremos comprometidos com possibilidades de (re) invenções e não com verdades totalizantes. Recordar, nesse sentido, não é somente interpretar, no presente, o já vivido, envolve a escolha sobre o que vale ou não ser recordado. A memória, contudo, é bem mais que um conjunto de representações.

Dessa forma, os textos analisados nesse trabalho contam o passado da cidade de Resende Costa sem deixar de considerar que *os depoimentos são utilizados como instrumentos de percepção dos cruzamentos entre o modo de ser do indivíduo e da cultura* (REIS, 2007, p. 216). Por isso, buscamos ao longo do trabalho relacionar o que é dito nos textos que selecionamos da coluna com as teorias que versam sobre a questão das práticas culturais no contexto pós-moderno, com a reescrita da história e, principalmente, com as teorias da memória, valendo-se de mais versões da possibilidade de (re) construção da história da cidade.

Ao lidar com o espaço heterogêneo das cidades, percebemos que é possível entrelaçar aspectos que envolvem o passado, o presente e o futuro, o real e o ficcional, o individual e o coletivo, confirmando que a cidade não se atém ao seu espaço geográfico. Ela vai muito além e expressa (...) *o intercâmbio de idéias e experiências, o convívio com a diversidade, os choques de valores, os conflitos entre tradições e rupturas e a convivência com a pluralidade* (REIS, 2007, p.216), sem deixar, é claro, de evidenciar também a interação entre o local e o global, como será visto a seguir.

## **4.2 A tensão entre o local e o global**

Por fim, podemos tomar todas as considerações feitas sobre os textos da coluna *Causos & Cousas*, escolhida para exemplificar o trabalho com a memória no *Jornal das Lajes*, e relacioná-las às questões de identidade cultural apontadas por Stuart Hall nas obras *A identidade cultural da pós-modernidade* (2001) e *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003).

A escritura de Rosalvo Pinto pode ser encarada como uma maneira de o autor identificar-se, voltando às suas origens, num momento de sua vida em que

ele não mora mais na cidade, o que significa uma busca de identidade. Delgado destaca que *o homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores* (apud REIS, 2007, p. 223). Isso pode ser inicialmente evidenciado através de suas próprias palavras em “Eta terra boa!”, texto de janeiro/fevereiro de 2007, no qual Pinto parte de uma afirmação de Guimarães Rosa, *A vida é nunca e onde*, para dizer que:

O ONDE nos faz sentir amarrados ao lugar onde nascemos. É como se fôssemos vegetais enraizados. Podemos nos mudar com nossas raízes para outro lugar, mas nosso pensamento está sempre fincado lá. (*Jornal das Lajes*, n.46, janeiro /fevereiro de 2007)

Também no texto “Por que gosto de Resende Costa”, depois de citar Jorge Luis Borges, o cronista diz:

Acho que ele (Borges) estava certo: talvez seja essa a razão suprema para a gente gostar de um lugar. É o lugar onde a gente se sente feliz e quer ficar em definitivo. É um bom começo pra uma boa resposta. Parece que são nossas raízes que nos prendem a algum lugar. (*Jornal das Lajes*, n. 55, novembro de 2007)

É dessa forma que a cidade de Resende Costa é vista por ele. Pode-se dizer que, pela leitura de seus textos, o autor sente-se preso à cidade e que, mesmo morando atualmente em Belo Horizonte, seu pensamento está voltado para sua terra natal. A escritura dessa coluna mensal para o *Jornal das Lajes* pode ser encarada, entretanto, como uma válvula de escape da realidade em que ele vive e, por isso, talvez se justifique sua admiração pelo jornal e a nostalgia em relação ao tempo passado que não volta mais: *[c]omo é gostosa, a cada mês, a espera pelo Jornal das Lajes. A leitura, nem se fala, sobretudo para quem vive longe da cidade.* (*Jornal das Lajes*, n.11, fevereiro de 2004, p. 2)

No texto “Resende Costa/ Belo Horizonte | Belo Horizonte / Resende Costa”, março/ abril de 2005, fica visível já pelo título a relação entre essas duas cidades, presente na vida do colunista. No texto, é contada como era a ligação dos dois lugares *Lá pelos 1900 e antigamente.* (*Jornal das Lajes*, n. 24, março/ abril de 2005, p. 2) Ligação essa muito pequena, em relação a outras cidades. *Na década de 50, por exemplo, me lembro de dois caminhões indo semanalmente*

*para o Rio, o do Zé Maia e o do Zizi Vale.* Depois de falar sobre isso, com a frase *Vejam só como hoje é diferente*, o foco da narrativa muda para os dias mais recentes, revelando fatos e nomes presentes na linha de ônibus diária que liga Resende Costa a Belo Horizonte, ligação constante na sua própria vida.

Voltando à questão da busca de identidade, para entendê-la, é necessário considerar o trabalho de Hall, que aponta três concepções muito diferentes de identidades. A primeira relaciona-se ao sujeito do Iluminismo, concepção baseada no sujeito como sendo totalmente centrado, cujo centro consiste num centro interior que surge no nascimento e se desenvolve ao longo de sua vida, porém sua essência permanece a mesma. O indivíduo era, na época, considerado como soberano, racional, um homem explicado pela ciência, apenas pela ciência.

A segunda concepção é de um sujeito sociológico. Com a crescente complexidade do mundo moderno, cresce também a consciência de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas formado pela interação com outras pessoas, mediando seus valores, sentidos e símbolos. Nesta concepção, a identidade é formada pela interação entre o eu e a sociedade onde o eu está inserido. Essa concepção critica a individualização racional do sujeito cartesiano, levantado anteriormente.

Como último tratamento dado à identidade, temos o sujeito pós-moderno. Com o processo de mudança dos mundos culturais, surge o sujeito pós-moderno conceituado como não tendo uma identidade fixa. Sua identidade é transformada continuamente em relação aos sistemas culturais que nos rodeiam, assim como descrito no item 1.2 do primeiro capítulo.

Nesse deslocamento temporal do Iluminismo para o século XX e com a transformação marcante efetuada pelas duas grandes guerras, o homem perdeu seu ponto de referência individual e social e se viu jogando com o próprio limite de sua construção identitária. Se levarmos em consideração principalmente os povos do leste europeu e os judeus do pós-guerra, perceberemos que esse homem contemporâneo não pôde mais se fixar em seu local de origem porque ele percebeu a fragilidade e a instabilidade desse lugar. Com essas transformações, os estudiosos da cultura passaram a perceber como os problemas sobre identidade têm um vínculo muito estreito com a questão cultural.

O homem contemporâneo não segue mais a linha de pensamento que o explicava a partir do verbo “ser”, sendo explicado agora, a partir do verbo “tornar-se” – ou, dito de outra forma, “vir a ser”. Essa mudança de pensamento ocorre porque dentro da constituição da identidade cultural pós-moderna há rupturas e descontinuidades que fazem com que elas sejam pensadas como algo que tem histórias e efeitos reais; como identidades que são construídas pela memória, pelos fatos, pelas narrativas e pelas fantasias e que se torna um dos vários posicionamentos possíveis servindo à instabilidade da constituição da identidade. Para Hall, as identidades culturais devem ser pensadas nesse eixo de tensão que existe entre ser e tornar-se, entre o que é fixo e o que se faz na fluidez.

Quanto ao contexto do sujeito pós-moderno, Hall utiliza o termo “modernidade tardia” para se referir ao período pós anos 60, que marca uma mudança estrutural das sociedades. Para Hall, foi o ano de 1968 que marcou a construção das identidades culturais, as mudanças políticas e sociais, dado que esse ano foi marcado por movimentos estudantis e juvenis de contracultura, por lutas pelos direitos civis e por movimentos pela paz.

Com a expectativa da chegada de um novo milênio, criou-se um tempo de expectativas, de perplexidade e de crise de concepções e paradigmas, não apenas pelo início de um novo milênio, mas também pelas expectativas de um mundo pós-moderno que se apresenta sem barreiras espaciais e temporais e que se abre a estruturas completamente heterogêneas.

Para caracterizar esse contexto, o teórico aponta os grandes avanços ou descentramentos na teoria social que contribuiriam para uma nova forma de lidar com o saber e a identidade na contemporaneidade. O primeiro avanço foi o pensamento marxista. Os estudos de Karl Marx sugerem que os homens não são os próprios agentes de sua história, dado que eles agiam com base em condições históricas fornecidas por gerações anteriores.

Outro avanço foi a descoberta do inconsciente por Freud, em que ele afirma que a identidade é formada ao longo do tempo através de processos inconscientes e não é algo inato. Para Freud a identidade é sempre incompleta e por isso está sempre em processo, sendo formada constantemente. O termo mais

correto seria “identificação” ao invés de “identidade”, pois esse é um processo em andamento.

O trabalho de Ferdinand de Saussure também contribui para a quebra de paradigmas, já que para este autor, nós não somos autores de nossas afirmações, uma vez que a língua é um sistema social e não um sistema individual.

O filósofo e historiador Michel Foucault, em seus estudos, produziu uma espécie de genealogia do sujeito moderno, atribuindo ao poder disciplinar uma identidade cultural onde o sujeito torna-se dócil e maleável. O filósofo também aponta um paradoxo: *quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual* (HALL, 2001, p. 43).

Finalmente, o outro avanço está no impacto do feminismo que surge tanto como uma crítica teórica como um movimento social. O movimento feminista trouxe à luz da sociedade o que é conhecido como política da identidade, ou seja, uma identidade para cada movimento.

Dados esses descentramentos da teoria social, pode-se justificar por que vivemos hoje uma explosão das diferenças étnicas, sexuais, culturais, nacionais, etc. que coloca a questão da necessidade do resgate da identidade, já que é impossível para o indivíduo manter uma identidade fixa nesse contexto.

É nesse sentido que Bauman (1998), tomando a incerteza como o princípio da pós-modernidade, afirma que não é mais possível a construção da identidade do modo como se constrói uma casa, mas que essa deve ser feita como um agrupamento de “novos começos”, tão facilmente agrupados quanto demolidos. O autor não propõe, com essa metáfora, que a identidade do sujeito desapareça, mas apenas que não seja rígida, que não se fixe ao corpo por muito tempo.

Bauman (2005) afirma que a incapacidade de constituir uma identidade fixa é produto do sentimento de insegurança presente na esfera pós-moderna. Assim, a procura desenfreada pela “identificação”, por um “nós” que acolha os diversos “eus”, torna-se uma constante. Deste modo, a busca de um “eu” que defina o sujeito a partir de sua história, de seu passado, é substituída por uma ansiedade de viver um presente eterno e intenso, de aproveitar o instante, e por uma



necessidade constante de identificação com um “nós” que julga possível suprir a inconsistência do “eu”. O que resta então para a identidade são recortes, o que não lhe permite se constituir de forma plena, permanecendo efêmera e moldável.

Na verdade, identidade é a resposta que damos à pergunta: quem somos nós? No nosso caso, de brasileiros, somos uma mistura de afroamericanos, índios e brancos, na questão étnica, sem levar em conta outras questões como a religiosa, a cultural, a social e a de gênero, ou seja, ser brasileiro não envolve uma única identificação como a resposta sugere.

A identidade está diretamente ligada ao homem enquanto membro de um grupo social, marcada pela percepção da existência de determinada cultura, podendo ser apontada como uma auto-afirmação: "sou brasileiro". "sou negro", "sou heterossexual". Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria, é auto-suficiente, desconsiderando o fato de que ela caminha junto com a diferença, fundamento base para diferenciar uma cultura de outra. Essa mistura nos proporcionou uma identidade cultural ou identidades culturais. A cultura é dinâmica e, no contato com outras culturas, ela se transforma. Por isso, é preferível falar-se em "identidades culturais" e não "identidade cultural", para evidenciar, desde logo, a pluralidade e o dinamismo da identidade cultural.

A cultura nacional foi uma característica marcante na industrialização e um forte dispositivo da modernidade. Esse modo de construir sentidos, chamado de cultura, produzia sentidos, também, sobre a nação, criando identidades que Anderson (1991) chamou de comunidades imaginadas. Essa forma de se pensar a nação como produto de uma identidade cultural se prendia à memória do passado, a um desejo de viver em conjunto e à perpetuação da herança. Anderson explica a maneira como os representantes de certa cultura agiam para falar de seus povos. Eles retroagiam no tempo e explicavam seus costumes e atitudes de acordo com seus antepassados, incluindo suas próprias vozes para complementar o discurso. Isso acontecia como uma forte tentativa de não deixar morrer suas tradições. O que eles não percebiam ou preferiam não perceber é que mesmo suas tradições estavam sendo recontadas sob influências de colonizadores.

Entretanto, com as modificações geográficas ocorridas em decorrência das guerras do século XX, percebeu-se a inaplicabilidade desses fatores, ou seja, era impossível recorrer ao passado exclusivamente para rever a memória perdida. A dispersão de alguns povos, a destruição de alguns estados e a fragilidade do conceito de lugar favoreceram a possibilidade de se reconstruir um povo ou uma nação sob forte influência de outras culturas. Segundo Hall, as culturas nacionais devem ser vistas como um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade, sendo essas identidades heterogêneas e complexas. *As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades - híbridas- estão tomando seu lugar.* (HALL, 2001, p. 69).

Ao discutir a descentralização do sujeito cartesiano e o espaço ocupado pela identidade cultural na pós-modernidade, Hall revela a fragilidade do conceito de espaço. O espaço passa a ser visto como um conceito móvel, oscilante, e essas identidades não procuram suas origens em um espaço fixo, mas em seu diálogo com as outras áreas do conhecimento, diminuindo as fronteiras existentes entre elas. Nesse diálogo, as identidades se favorecem percebendo que podem reconstruir seu passado histórico de uma maneira contrária à arbitrariedade da imposição cultural. Isso se dá a partir do momento em que a identidade cultural passa a ser estudada não apenas como vinculada à origem.

Podemos exemplificar, tomando como amostra, os países colonizados. Não importa quando estes países tornaram-se nação, importa o sentimento que o tornar-se nação revela. A identidade cultural se firma e afirma como tal não apenas pela origem daqueles povos colonizados, mas pelas influências que os colonizadores tiveram sobre eles. As consequências dessas descolonizações não se fazem como o marco de um novo estado, pelo contrário, se fazem como reforço de um desejo anterior à consumação desse estado, já que o processo de independência revela o desejo anterior que determinado povo tem de se tornar tão soberano quanto seu antigo colonizador. De acordo com a história das descolonizações, vemos que há um anseio pela liberdade de expressão cultural de quem se viu colonizado por muito tempo, que se mistura com os interesses econômicos e políticos dos envolvidos no processo de tornar-se independente.

O texto de Hall apresenta mais de perto a questão desse descentramento do pensamento voltado pela unidade do sujeito relacionando-o com a mudança do cenário histórico durante a modernidade. Em virtude de todas as descolonizações, antes ou depois das guerras e das diásporas que as sucederam, esse cenário histórico já não se torna o local de origem da identidade e sim o espaço ocupado por ela. Analisado como espaço, o cenário histórico se torna também, assim como a identidade cultural, um espaço oscilante. Esse espaço passou a predominar por ter um significado mais flutuante que o de lugar. O conceito de lugar se aproxima mais do conceito de raiz ou pertencimento. Podemos exemplificar essa mudança tomando como modelo o escritor da coluna "Causos & Cousas". Ele pertencia a um lugar fixo, sua terra natal. Entretanto sua identidade cultural não se faz lá, pelo contrário, ela se faz a partir do espaço que hoje ele ocupa, no caso a cidade de Belo Horizonte. De Resende Costa ele tem apenas a referência da infância, tempo em que ele viveu lá, referência essa que ele readquiriu sob a influência do seu olhar de hoje.

Em *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003), Stuart Hall discute principalmente como se deve pensar a identidade cultural hoje depois do processo de descolonização. Para ele há duas maneiras de se fazer isso. A primeira consiste em pensá-la como uma identidade dividida, imposta e artificial. De que maneira? Ora, por ser imposta ela deixa o indivíduo estático, imutável como sendo uma imposição do colonizador. Dividida porque o indivíduo precisa viver entre a sua cultura e a do colonizador e principalmente viver as duas culturas. Esse sempre foi o ponto de vista do colonizador, que de certa forma se aplica também a qualquer outro povo que se sinta oprimido pela imposição cultural do outro. A segunda maneira levanta um ponto significativo de mudança nesse paradigma, um ponto que faz a diferença crucial entre esta e a outra maneira de se estudar a identidade cultural. Essa mudança consiste em pensar a identidade como algo que se torna e não algo que "é". Há rupturas e descontinuidades que devem ser levadas em consideração. As identidades culturais vêm de algum lugar e têm histórias. Elas são assunto no jogo da história, da cultura e do poder. É apenas do segundo ponto de vista que se devem

entender as mudanças no estudo das identidades. A ideia de alteridade muda a concepção de identidade cultural.

Assim, a identidade cultural não é uma essência fixa, não é um espírito universal e transcendental, não significa um por todos, não tem uma origem fixa da qual partimos em direção a um fim e para a qual retornamos. A identidade é alguma coisa viva que tem histórias que levam a efeitos reais, materiais ou simbólicos. Ela é construída pela memória, fantasia, fatos, narrativas ou mitos. É um posicionamento, um ponto de identificação instável.

Porém, o processo de globalização difundiu o consumismo contribuindo para o que Hall denomina “supermercado cultural” e formando uma homogeneização cultural. Essa visão apresenta as pessoas como “produtores” e “consumidores” de cultura ao mesmo tempo. Somos levados a consumir e o mercado nos trata de forma homogênea, como se todos juntos gostássemos das mesmas coisas. Essa situação é favorecida pelo aspecto global das relações que faz com que tudo chegue até todos. Stuart Hall aponta a globalização como um fenômeno que atravessa fronteiras nacionais:

A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço - tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (HALL, 2001, p. 75).

A globalização surge abarcando todas as identidades culturais, formando um conjunto onde tudo e todos estão em um mesmo ambiente. Surgem neste sentido novas formas de conhecimento, de cultura, de símbolos e de identidades. Ela acaba com os limites que até há poucos anos atrás existiam no âmbito das sociedades, acarretando com isso uma aparente homogeneização de culturas.

A ideia de descontinuidade identitária dentro do processo de globalização permite pensar no processo de fragmentação e seus possíveis resultados. Essa ideia teve início com a própria modernidade e apresenta suas consequências

sobre as identidades culturais, de modo a desintegrá-las ou reforçá-las ao mesmo tempo em que permite o surgimento de novas identidades.

A globalização abrange um fenômeno, que, no mínimo, é duplamente intrigante, pelo fato que em últimas consequências acaba com as culturas minoritárias, dando espaço às culturas dominantes, fazendo com que estes grupos percam sua identidade originária; e por outro fortalece determinadas culturas que buscam a partir deste fenômeno preservar e conservar sua identidade cultural. A globalização e a multiplicidade de culturas, ou seja, o multiculturalismo são compostos de várias divergências entre os dois lados anteriores, mas ao contrário do que se pode pensar, estes podem caminhar juntos, desde que possam atingir o entendimento de obterem um ponto de equilíbrio.

Hall (2001) aponta contratendências para a questão da globalização, enquanto prática que surge abarcando todas as identidades culturais, propondo a homogeneização cultural. Primeiramente, ele percebe que juntamente com o impacto “global” há um novo interesse pelo “local”. É improvável que a globalização acabe com o local, o mais correto é afirmar que a partir dela, se construam novas identidades globais e novas identidades locais.

A globalização é desigualmente distribuída ao redor do mundo, a chamada geometria do poder. Para se criticar a homogeneização cultural deve-se saber o que é afetado por ela: apesar de se chamar globalização ainda há uma diferença entre as relações de poder oriental e ocidental, podendo-se inclusive afirmar que a globalização é essencialmente um fenômeno ocidental.

As culturas específicas de determinados grupos estão lutando para buscar a concretização e segurança para a sua própria identidade. Estes grupos locais estão fortalecendo as suas barreiras para que seu conjunto de ideias consiga caminhar sem que a globalização os atinja. *A globalização na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acertado pensar numa nova articulação entre "o global" e "o local".* (HALL, 2001, p. 77).

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-global" e outras identidades

"locais" ou particularistas estão sendo reforçadas neste contexto pela resistência à globalização.

Neste sentido é que podemos levantar o papel da coluna "Causos & Cousas" no *Jornal das Lajes*. Enquanto temos no jornal o objetivo de informar o leitor sobre Resende Costa, sendo que este jornal circula pela cidade em pleno contexto contemporâneo, desde 2003, a coluna contrasta com o que é geralmente produzido neste contexto. Ela revela uma intensa busca pelo passado, mas não como forma de modificar o presente e sim como valorização daquele período. Dividindo o espaço da página com o anúncio de propagandas comerciais, a coluna sobrevive como uma forma de interesse pelo local, que se contrasta com o global e teme ser engolido por ele.

Assim, ao apontar que existem grupos sociais que procuram proteger seus aspectos identitários, não se nega a existência de novas identidades. Na verdade observa-se que ao mesmo tempo em que ocorre a homogeneização de várias culturas formando uma nova identidade, híbrida, há também a questão da busca e da resistência das culturas e das identidades locais como forma de se afirmar em um mundo globalizado, como é o caso da coluna "Causos & Cousas".

Dessa forma, engana-se quem pensa que a globalização rouba a cena e acaba por abater as culturas étnicas individuais. O global pode até intervir nas culturas existentes e no modo de vida de seus personagens, mas, no momento em que estes lutam para manterem as suas identidades, acabam até mesmo se interessando em conhecer a cultura e a identidade do outro, como forma indireta e por que não, até mesmo direta de conhecer e efetivar o multiculturalismo.

Além disso, a construção da identidade passou a se beneficiar da memória coletiva ou individual que serviu de subsídio para sua construção e/ou desconstrução, relacionando-se mais de perto com as questões históricas e culturais. A contribuição da memória se faz na medida em que se busca na lembrança das pessoas os fatos vivenciados por elas ou pelos seus antepassados. Assim, a memória propõe reaver a importância cultural que esses fatos representam, memória perdida graças à distância temporal entre o acontecimento e o lembrar esse acontecimento.

Quando as pessoas buscam construir um discurso que as une como um grupo que comunga os mesmos interesses, é preciso que haja um subsídio cultural que sirva de alicerce nessa construção. Dentro da memória, esse alicerce pode ser encontrado e reconduzido para seu lugar, já que ele possui toda a matéria prima. Retomando o que Benjamin (1993) explica sobre o conceito de experiência como sendo um intercâmbio de vozes que constitui um discurso acerca de qualquer assunto, e que é alimentado pela memória de seus interlocutores, entendemos que a memória é o próprio alicerce que subsidia a comunhão de interesses de um grupo que deseja contar ou recontar fatos que estão dentro da história ou que permaneceram fora dela por algum tempo. É importante salientar, ainda, que esse alicerce não é tão rígido e imóvel quanto essa palavra possa querer dizer. Na verdade, a memória oferece apenas fragmentos da lembrança de maneira parcial. Em outras palavras, de cada um se tem apenas um lado da história. A contribuição de várias vozes é que vai sustentar, de fato, o discurso que constrói uma identidade.

Dessa forma, a constituição da identidade cultural a partir do século XX deve ser entendida como uma constituição fragmentada e que opera em ruínas, assim como a memória. Se a memória oferece apenas parte da história, na comunhão de várias vozes ter-se-á então um mosaico de identidades a partir de um discurso que através da heterogeneidade reconstrói o todo.

Reiterando a ideia da história como uma construção narrativa, Bhabha em seu livro *O Local da Cultura* (2003), conceitua a existência de dois eixos para se narrar uma nação: o pedagógico e o performático. No primeiro eixo, encontra-se a narrativa da tradição, ou seja, a história oficial que, pretendendo-se total, apaga as diferenças, as descontinuidades e as vozes minoritárias, no qual a narrativa se faz de forma linear, contínua e cumulativa.

Por sua vez, dentro do eixo performático, estariam situadas as histórias “menores”, fragmentadas e descontínuas que entram em confronto entre si e com as grandes narrativas. Dentro desse eixo, a nação se faz a cada dia, na heterogeneidade, havendo distintas formas de representar sua narrativa, sempre passíveis de novas descrições.

Embora o teórico não deixe de negar a importância da tradição e de uma memória nacional para constituição de uma nação, ele assinala o princípio de ambivalência, princípio esse representado pelas narrativas pós-modernas, em que o contínuo movimento entre o esquecer e o lembrar permite uma revisitação paródica da história, inscrevendo-a ao mesmo tempo em que a subverte.

Com a nova forma de se conceber o mundo advinda com a pós-modernidade, a ideia de nação antes concebida apenas dentro do eixo pedagógico é problematizada e, dividindo-se em fronteiras internas, é que identidades minoritárias manifestam o desejo de serem reconhecidas e de intervirem na história, deixando transparecer a construção da memória cultural como um campo de negociações, interpelado por diversos discursos e no qual existem conflitos entre conjuntos fragmentados de memórias e experiências narráveis.

Ao trazer à tona diferentes narrativas a respeito da cidade de Resende Costa, através da problematização de alguns textos da coluna escolhida e da visão de outros autores que falam sobre a cidade, sendo no caso, Antônio de Lara Resende, Otto Lara Resende e ainda Silva e Sousa, podemos colocar a coluna “Causos & Cousas” no ponto de encontro entre os eixos definidos por Bhabha (2003). Ressaltando as possíveis falhas mnemônicas dos textos registrados, os erros e apagamentos propositais, bem como a produção dos outros autores, o estudo da coluna evidencia uma dispersão das verdades, de verdades referentes a diferentes épocas e contextos culturais. Isso propõe uma (re) escrita da história da cidade. Não uma (re) escrita definitiva, única e verdadeira, o que poderia fazer supor que há uma história verdadeira que deva substituir uma falsa, mas uma (re) escrita suplementar, dado que ainda há muito dessa narrativa para se construir.



## Considerações Finais

Nas últimas décadas do século XX assistimos a grandes mudanças, tanto no campo sócio-econômico e político, quanto no campo da ciência e da tecnologia e, por conseguinte também, no campo da cultura. Toda essa aceleração de mudanças sociais e culturais culminou com a globalização, marcada pela velocidade de informações e instantaneidade, dentre outras características que, certamente, interferem na subjetividade do indivíduo.

Para referir-se a esse momento, iniciado com o período pós-guerra, utilizamos o termo pós-modernidade, de difícil definição, como foi mostrado no primeiro item do primeiro capítulo dessa dissertação. É de extrema complexidade o entendimento de um contexto que se altera a todo instante, que não é estático e que, sendo assim, modifica a experiência de viver e de se relacionar com o outro e com o mundo.

Apesar dessa dificuldade, pode-se caracterizar essa episteme crítica da cultura como sendo desconstrutora de discursos até então tidos como dominantes. Segundo Lyotard, *considera-se “pós-moderna”, a incredulidade em relação aos metarrelatos. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe.* (LYOTARD, 1993, p.xvi)

Portanto, adotar uma perspectiva pós-moderna não é negar tais discursos que sempre existirão, uma vez que é assim que o ser humano constrói seu conhecimento, mas sim compreender como eles são construídos de forma a promover uma revisão crítica e uma possibilidade de abertura para o que anteriormente era relegado ao esquecimento. Ainda segundo Lyotard, *o saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele aguça nossa sensibilidade para as diferenças e reforça nossa capacidade de suportar o incomensurável.* (op. cit., p.xvii)

O terceiro estágio do capitalismo, denominado por Jameson (apud Connor, 1996) de “capitalismo tardio”, permitiu que a sociedade pós-moderna se consolidasse como “sociedade de consumo”. Trata-se, na verdade, das cenas da vida contemporânea, de uma era pós-utópica, atrelada à globalização que, marcada por fatores econômicos, atinge a cultura que se mundializa, pondo em xeque as culturas nacionais, vistas até então sob a forma de fronteira.

Contudo, a compreensão da contemporaneidade não se encerra apenas nessas questões, mas envolve também outros aspectos, como por exemplo, a fluidez dos sentimentos que, segundo Bauman (2005), reflete nas relações e conseqüentemente na formação das identidades, além de também envolver as práticas culturais.

Por isso, tornou-se necessário, no item dois do segundo capítulo, abordar as relações culturais nesse contexto. Essas relações servem de ponte para uma reflexão sobre a virada de século, em que os fenômenos da cultura olham a tradição sob novos ângulos e revelam o entrelaçar das práticas sociais, antes vistas como naturais, verdadeiras e absolutas.

Partindo da fragmentação do sujeito nesse contexto, é possível demonstrar como os sintomas pós-modernos podem refletir na formação da identidade, que está em constante processo de mudança. A desintegração das identidades culturais nacionais faz com que surjam novas identidades, chamadas por Hall (2001) de híbridas.

O trabalho de Hall é centrado principalmente nas questões de hegemonia e de cultura, concebendo o uso da linguagem como determinado por uma moldura de poderes, instituições, política e economia. Essa visão apresenta as pessoas como “produtores” e “consumidores” de cultura ao mesmo tempo. Nesse contexto, Hall busca avaliar se estaria havendo uma crise de identidade cultural, no que consiste tal crise e quais as conseqüências da mesma no mundo pós-moderno.

Assim, sob uma perspectiva pós-moderna, os estudos culturais possibilitam uma revisão crítica capaz de levar à desconstrução do saber, questionando a noção de verdade e legitimidade. Isso permite ampliar o campo teórico fazendo surgir novas possibilidades de análise e uma compreensão mais ampla das relações culturais.

Partindo dessa possibilidade de abertura trazida pelos estudos culturais, é que justificamos a escolha desse trabalho. Optamos por trabalhar com um periódico mensal ainda não estudado, o *Jornal das Lajes*, descrito no item três do primeiro capítulo. A pesquisa em fontes primárias permite um contato com um objeto de estudo novo, com amplas possibilidades de análise. Essa análise foi feita com base na coluna “Causos & Cousas”. A escolha dessa coluna também se justificou pela temática dos textos: a memória.

A memória tem um papel central na história da humanidade. Não nos referimos aqui apenas à memória individual, constituída pelas lembranças que cada um de nós tem sobre acontecimentos que vivemos, presenciamos ou dos quais ouvimos falar. Estamos nos referindo também a outros tipos de memória, que têm um caráter mais amplo, como a memória social, a cultural, a histórica. Todas essas memórias tecem e constituem as histórias das pessoas, de grupos sociais, de sociedades e de toda a humanidade. A nossa história é constituída por essas memórias, que atravessam umas às outras, de tal modo que é quase impossível separá-las.

A atração nos dias de hoje pela revisão do passado e pelo modo como é inventado e transmitido, bem como o questionamento da história através da memória individual de personagens, sejam eles reais ou fictícios, tornou-se uma constante na ficção pós-moderna, gerando discussões que cada vez mais aproximam a história da memória.

A discussão sobre essa relação tornou-se um dos grandes debates teóricos que atravessa várias gerações de historiadores, os quais alegam que a memória não pode ser vista simplesmente como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de importância secundária para as ciências humanas. Trata-se da construção de referenciais sobre o passado e o presente de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais. Há também um consenso de que a história não tem mais a pretensão de determinar a verdade dos fatos com base em fontes únicas documentais. A partir da mudança de perspectiva trazida pela História Nova, a memória deve ser considerada na construção da história, assim como a história também é relevante na (re) construção da memória.

Assim como a narrativa literária, tanto a história quanto a memória se utilizam de estratégias narrativas e ambas podem ser consideradas como uma espécie de ficção, uma vez que todo ato de narrar implica em fazer escolhas, selecionar e preencher lacunas com a imaginação, mesmo quando se trata de uma narrativa fundamentada em pesquisas, como é o caso da história.

Dessa forma, pode-se dizer que não é apenas a literatura que produz ficções. O reconhecimento da narrativa ficcional como procedimento de escrita não apenas da literatura, mas também da história, permitiu desmistificar as metanarrativas legitimadoras da ciência e compreender como se dá, no nível da linguagem, a produção de saberes. Uma vez que qualquer tentativa de representar a realidade depende do contexto e da situação discursiva, pode-se afirmar que o próprio real em si é ficcional. Linda Hutcheon (1989) diz:

The narrativization of past events is not hidden; the events no longer seem to speak for themselves, but are shown to be consciously composed into a narrative, whose constructed – not found – order is imposed upon them, often overtly by the narrating figure. The process of making stories out of chronicles, of constructing plots out of sequences, is what postmodern fiction underlines. This does not in any way deny the existence of the past real, but it focuses attention on the act of imposing order on that past, of encoding strategies of meaning-making through representation.<sup>2</sup> (HUTCHEON, 1989, p.67)

Compreender tal caráter discursivo e narrativo da memória e da história permitiu a aproximação principal entre esses dois termos que se propôs com esse trabalho, já que, segundo Gloria Reis (2007),

Narrar consiste, pois, em um momento de rememoração, de atualização, de estar presente. As lembranças evocam momentos vividos que preenchem o agora, respondem às necessidades do tempo presente e possibilitam assumir mais facilmente o que somos hoje. É na tentativa de compreender seus caminhos e descaminhos, na busca de si mesmo e de sua inserção na vida de um povo, que as pessoas mergulham na profundidade de suas histórias, procurando por marcos temporais ou

---

<sup>2</sup> A narratização dos eventos passados não é ocultada. Os eventos não mais falam por si só, mas são apresentados como conscientemente compostos em uma narrativa, cuja ordem construída – não encontrada – é geralmente imposta sobre eles pela figura que narra. O processo de construir histórias a partir de crônicas, ou construir enredos a partir de sequências é o que a ficção pós-moderna se propõe. Isso de forma alguma nega a existência de um passado real, mas foca a atenção no ato de impor ordem sobre esse passado, de codificar estratégias de construção de significado através da representação.

espaciais que se constituam nas referências reais das lembranças e levem a reconstruir sua identidade. (REIS, 2007, p.223)

Questionando a concepção de verdade que o senso comum atribui à história, bem como à memória como uma forma de testemunho e reconstrução do passado, o segundo e o terceiro capítulos deste trabalho se ocuparam em apresentar os limites fluidos entre essas duas vertentes, utilizando como ilustração alguns textos que selecionamos da coluna “Causos & Cousas”, contrapondo-os com os textos de Antônio de Lara Resende e Otto Lara Resende.

Dentre as considerações feitas por Rosalvo Pinto em seus textos, duas foram relevantes como eixos norteadores desse trabalho. A primeira foi no texto “Resende Costa e sua cultura”, em que ele trata o termo cultura, elemento importante no cenário pós-moderno, de forma simplista e reducionista, desconsiderando o contexto social em que estamos inseridos.

No texto “Resende Costa e sua história”, é a vez do termo história ser considerado de forma inconveniente pelo colunista, a partir da afirmação de (...) *que uma boa e sólida história de Resende Costa ainda está por ser feita.*

A partir desse posicionamento do autor é que foi possível (re) pensar na forma como a memória, mostrada no segundo capítulo, muitas vezes é utilizada por ele propiciando uma revisitação nostálgica do passado, que nos permitiu comparar suas sensações com as sensações de um estrangeiro, segundo as ideias de Kristeva (1994).

Mas, apesar de o colunista não utilizar nos textos que selecionamos a memória como ferramenta para promover uma revisão crítica do que poderia ser relegado ao esquecimento, tal qual é a função da memória evocada no contexto atual, sua memória individual constitui-se um importante elo de ligação com a coletividade, a partir do qual torna-se possível (re) construir a história da cidade, assim como Reis afirma:

Como nossas marcas pessoais e intransferíveis estão em nossa memória, o ato de lembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação de comportamentos e mentalidades coletivas. (REIS, 2007, p.224)

Por isso dizemos que assim como o ato de lembrar, mesmo sendo um mecanismo individual, apresenta um caráter coletivo, as identidades também, além de seus aspectos individuais, apresentam uma dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito da história, o que permite refletir acerca do papel das identidades, como foi abordado no quarto capítulo dessa dissertação, ligando-o à representatividade do espaço das cidades, já que:

Lugar de construção, desconstrução e reconstrução de identidades, a cidade, sempre em transformação, tende a diluir, pelo crescimento tantas vezes desordenado, a memória possível de seus habitantes, atordoados e fascinados pelas contingências do presente. Na vida urbana, o tempo torna-se fracionado e os indivíduos estão expostos a múltiplas e contraditórias experiências. Estas vivências são, muitas vezes, fragmentadoras e podem gerar nas pessoas o sentimento de carência de identidade e urgência por decifrar o enigma de seu destino. (REIS, 2007, p.225)

Ao pesquisar sobre pessoas, que além do professor José Augusto, citado por Rosalvo Pinto, tenham escrito sobre Resende Costa, encontramos Antônio de Lara Resende, em dois volumes de memórias, e ainda Micênio Carlos Lopes dos Santos e Gustavo Melo Silva, que apresentam em um livro o resultado de uma pesquisa sobre o artesanato têxtil da cidade, além do grande literato mineiro Otto Lara Resende que permite traçar numa narrativa ficcional aspectos da história da cidade. Adentramos um pouco mais na história de Resende Costa pelo viés desses autores contrastando-os, na medida do possível, com o olhar de Rosalvo Pinto nas crônicas de “Causos & Cousas” e evidenciando que a memória e a história são passíveis de (re) construção e não podem ser consideradas como frutos de uma verdade absoluta e totalizante, já que são construídas a partir de escolhas e seleções individuais.

Por fim, dentro dessa perspectiva, propusemo-nos refletir sobre o conceito de narrativa performática de Homi Bhabha (2003), no qual o discurso tradicional é alterado a partir da inserção de vozes menores no processo de construção identitária de um povo. Bhabha entende que a escrita da nação exige uma escrita dupla que cruze a estrutura do tradicional e do novo. Para que esse cruzamento aconteça, o autor explica que a narrativa da nação é uma narrativa dividida entre

o eixo pedagógico e o performático, que permite à história estar em constante processo de (re) construção.

O eixo pedagógico se faz através do objeto histórico de uma pedagogia nacionalista. Ele é um ensino cujo sujeito representa esse objeto histórico. Já o eixo performático entende o sujeito como parte de um processo de significação com uma temporalidade menos palpável interrompendo por vezes o eixo pedagógico, - *o performativo introduz a temporalidade do entre-lugar ('in-between'), através da lacuna ou 'vazio' do significante que pontua a diferença lingüística* (Bhabha, 2003, p.20).

Bhabha propõe pensar o novo em um eixo performático. Nessa proposta, o discurso das minorias situa-se no eixo de tensão entre o pedagógico e o performático, reconhecendo o passado como eventos anteriores que introduzem diferenças no presente. É aqui que situamos a coluna “Causos & Cousas” do *Jornal das Lajes*. Seu estudo possibilitou uma (re) escrita da história de Resende Costa vista por diferentes ângulos, dado o diálogo com outros autores. Essas versões da história mostradas no trabalho não podem ser caracterizadas como certas ou erradas ou como verdadeiras e absolutas. Elas podem ser lidas como testemunhos periféricos, já que não constam na história oficial da cidade, porém evidenciam acontecimentos históricos que se prendem ao contexto cultural de uma época. Isso desconstrói a noção de totalidade inaugurando a presença da diferença, tal qual se propõe no contexto pós-moderno.

## Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. London, New York: Verso, 1991.
- ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. *Veja*. 25 de abril de 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BHABHA, Homi K. Locais da Cultura. In: *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Rate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In: *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- CANDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. *Prefácio Para Gostar de Ler*. São Paulo: Ática, volume 1, p. 4-13, 1980.
- COLOMBO, Fausto. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna*. Introdução às Teorias do Contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1996.



COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A literatura no Brasil*, v.6. 2.ed., Editorial Sul-Americana, 1971, p.110-111

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. O popular como opção política. In: *Cartografias dos Estudos Culturais: uma introdução latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GERTZ, Clifford. O mundo em pedaços: Cultura e política no fim do século. In: *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos do arquivo privado. In: *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG e Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. London and New York: Routledge, 1989.

HUYSSSEN, Andréas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HUYSSSEN, Andréas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

HUYSSSEN, Andréas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JOHNSON, Richard et al. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KRISTEVA, Julia. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: *Estrangeiros para Nós Mesmos*. Trad.: Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- LEGOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- LEGOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LYOARTD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais /projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MIRANDA, Wander Mello. *Corpos escritos*. São Paulo: Edusp, Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.
- REIS, Gloria. Arte, memória e cidades: espaços de vivências coletivas e temporalidades em movimento. In: TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes (org.). *Nação e Identidade: Ensaio em Literatura e Crítica Cultural*. São João del-Rei: UFSJ, 2007.
- RESENDE, Antônio de Lara. *Memórias – de Belo Vale ao Caraça*. Edição do Autor, 1970.
- RESENDE, Otto Lara. *Bom dia para nascer: crônicas*. Matinas Suzuki Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RESENDE, Otto Lara. *As pompas do mundo & O Retrato na Gaveta*. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1962.
- SANTOS, Micênio Carlos Lopes dos; SILVA, Gustavo Melo. *Tear: artesanato de Resende Costa*. São João del-Rei: FUNREI, 1997.

## **Corpus**

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano I nº7. Resende Costa, outubro de 2003.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano I nº8. Resende Costa, novembro de 2003.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano I nº10. Resende Costa, janeiro de 2004.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano I nº11. Resende Costa, fevereiro de 2004.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano I nº12. Resende Costa, março/abril de 2004.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano II nº16. Resende Costa, julho/agosto de 2004.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano II nº17. Resende Costa, agosto/setembro de 2004.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano II nº24. Resende Costa, março/abril de 2005.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano II nº27. Resende Costa, junho/julho de 2005.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº40. Resende Costa, julho/agosto de 2006.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº42. Resende Costa, setembro/outubro de 2006.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº43. Resende Costa, outubro/novembro de 2006.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº44. Resende Costa, novembro/dezembro de 2006.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº45. Resende Costa, dezembro/janeiro de 2006/2007.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº46. Resende Costa, janeiro/fevereiro de 2007.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº47. Resende Costa, março de 2007.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº53. Resende Costa, setembro de 2007.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano IV nº55. Resende Costa, novembro de 2007.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano V nº60. Resende Costa, abril de 2008.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano V nº61. Resende Costa, maio de 2008.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano V nº63. Resende Costa, julho de 2008.

JORNAL DAS LAJES. *Causos & Cousas*. Ano V nº64. Resende Costa, agosto de 2008.

JORNAL DAS LAJES. *Espaço Editorial*. Ano I nº1. Resende Costa, abril de 2003.

JORNAL DAS LAJES. *Espaço Editorial*. Ano I nº2. Resende Costa, maio de 2003.

JORNAL DAS LAJES. *Espaço Editorial*. Ano V nº57. Resende Costa, janeiro de 2008.

JORNAL DAS LAJES. *Um olhar sobre Resende Costa*. Ano IV nº44. Resende Costa, novembro/dezembro de 2006.

## **Anexos**

Os textos foram anexados por ordem cronológica.















































